



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS
INDÍGENAS**

**UM ESTUDO SOBRE OS SINTAGMAS NOMINAIS DO
MEBÊNGÔKRE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE
UMA LINGUA JÊ**

Vicente Carvalho de Sousa

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS
INDÍGENAS**

**UM ESTUDO SOBRE OS SINTAGMAS NOMINAIS DO
MEBÊNGÔKRE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE
UMA LINGUA JÊ**

Vicente Carvalho de Sousa

Dissertação de Mestrado ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Damaso Vieira (UFRJ)

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Documentação de Línguas Indígenas

Rio de Janeiro

2024

S729 e

Souza, Vicente Carvalho de.

Um estudo sobre os sintagmas nominais do Mebêngôkre: contribuições para o ensino de uma língua Jê / Vicente Carvalho de Souza. Rio de Janeiro, 2024.

85f.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Damaso Vieira

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - PROFLIND, 2024.

1. Línguas indígenas. 2. Mebêngôkre (Kayapó). 3. Sintagmas Nominais. 5. Família Jê. I. Vieira, Marcia Maria Damaso. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS
INDÍGENAS**

**UM ESTUDO SOBRE OS SINTAGMAS NOMINAIS DO
MEBÊNGÔKRE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE
UMA LINGUA JÊ**

Vicente Carvalho de Sousa

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Maria Damaso Vieira (PROFLLIND-MN/UFRJ) Banca
examinadora:

Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares (PROFLLIND-MN/UFRJ)

Profa. Dra. Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold (PPG-Letras Neolatinas/UFRJ)

Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto (PROFLLIND-MN/UFRJ)

Profa. Dra. Marci Fileti Martins (PROFLLIND-MN/UFRJ)

Profa. Dra. Adriana Leitão Martins (PPG Linguística / FL-UFRJ)

“Na vida não vale tanto o que temos, nem tanto importa o que somos, vale o que realizamos com aquilo que possuímos”

Chico Xavier

AGRADECIMENTOS

O percurso dessa dissertação foi iniciado num momento de muitas dificuldades enfrentadas por mim, na condição de professor contratado, muitas vezes tive de me submeter ao extremo para poder cursar todas disciplinas, fazendo o que estava ao meu alcance para sair da comunidade indígena e partir para o Estado do Rio de Janeiro em busca de novos conhecimentos e contribuições para o ensino da educação escolar indígena.

Nessas circunstâncias, agradeço:

A Deus pela vida e por tudo que há nela. À minha orientadora, Marcia Maria Damaso Vieira, por conduzir maravilhosamente esta pesquisa, suas sábias orientações dadas a mim, para que juntos chegássemos à conclusão desta dissertação, meu muitíssimo obrigado querida professora.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Indígenas (PROFLLIND), pela oportunidade de qualificação profissional com professores extremamente comprometidos com a formação de linguistas em línguas indígenas, em especial à Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares, por oportunizar os conhecimentos e compartilhar os seus saberes indígenas. Agradeço pelas palavras de incentivo e apoio em mantermo-nos firmes e fortes na caminhada.

À minha turma, pois juntos compartilhamos tantos conhecimentos do universo indígena, momentos ímpares em nossa formação.

Às minhas eternas amigas do peito Juliana Goulart (Juh) e Simone Menezes, as quais pude conhecê-las no decorrer deste curso e criamos laços de amizade para toda a vida. Agradeço em especial à minha amiga Simone, por estar junto comigo e somar forças na conclusão desta pesquisa, orientando-me, me dando força e mostrando-me o devido alinhamento estético e estrutural desta dissertação.

À minha companheira de trabalho Dilcilene da Silva Menezes (Dil), por contribuir de forma significativa na realização deste trabalho, “segurando a barra” pelas vezes que precisei me ausentar do trabalho na aldeia (escola) para ir ao curso no Rio de Janeiro, e também em crer que este trabalho daria certo, pois juntos acreditamos que a educação escolar indígena Mebêngôkre precisa cada vez mais de profissionais qualificados e preparados para a realidade educacional indígena e,

podermos assim fazer de fato uma educação diferenciada e ao mesmo tempo significativa.

Ao povo Mebêngôkre de São Félix do Xingu-PA, principalmente pela oportunidade de experiências únicas vivenciadas nas aldeias, Kôkraxmôr, *lôcus* da pesquisa, Kêdjêrêkrã e Këndjãm, as quais tive o privilégio em poder conhecer de perto sua cultura, seus modos de vida, suas tradições ritualísticas e, principalmente, em conhecer um pouco do funcionamento e estrutura de sua língua. Meu muito obrigado!

À minha amiga Ivanilce Mello que no início desta jornada de curso me mostrou os caminhos a ser seguido e apontou sugestões e ideias para poder discutir sobre a língua do povo Mebêngôkre.

À Karla Tavares e Alexandrino, amigos que conheci também no início dessa caminhada e que sempre emanaram correntes positivas, acreditaram que este trabalho fosse possível de ser realizado, desconheço outros seres que tenham energia tão positiva quanto a de vocês, obrigado pelo carinho de irmão que sempre tiveram por mim.

À Jandiária Santana Pereira (Jandy), que já vim conhecê-la em fase final deste trabalho, mas que muito contribuiu incentivando e mostrando os caminhos certos a ser seguido, não tenho palavras para te agradecer.

Ao meu amigo e professor, João Carlos Guimarães de Sousa (Juan) pelas correções e ajustes feitos ao meu trabalho e também pelas críticas e reflexões pertinentes para que a pesquisa fosse aprimorada, obrigado.

À minha família (meus pais e irmãos) pelo apoio de sempre e ter acreditado mais uma vez que este sonho fosse possível, por muitas vezes pensei em não conseguir, mas me deram forças para continuar, muito obrigado!

Aos amigos e familiares distantes que emanaram pensamentos positivos e compartilharam, mesmo a distância, nas redes sociais, um pouco da minha trajetória neste trabalho que venho desenvolvendo junto ao povo Mebêngôkre.

Àqueles que direta ou indiretamente contribuíram de certa forma para o desfecho desta dissertação, a todos, muitíssimo obrigado.

RESUMO

SOUSA, Vicente Carvalho de. **Um estudo sobre os sintagmas nominais do Mebêngôkre: contribuições para o ensino de uma língua Jê**. 2024. 80f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os Sintagmas Nominais (SNs) na língua Mebêngôkre, falada pelo povo homônimo, também conhecido como Kayapó. No município de São Félix do Xingu, localizado no estado do Pará, onde há 32 escolas indígenas distribuídas em 32 aldeias, a língua Mebêngôkre foi reconhecida como cooficial em 2019. A metodologia adotada para a pesquisa incluiu a utilização de formulários de tradução de sentenças elaborados por Vieira (2021), para a coleta de dados. Adicionalmente, o estudo foi embasado em descrições linguísticas da língua Mebêngôkre realizadas por Silva (2001), Salanova (2001), Costa (2015), Menezes (2018) e Mendonça Junior (2021). Sentenças em língua portuguesa foram traduzidas para a língua Mebêngôkre com o auxílio de falantes nativos vinculados à Escola Indígena Capitão Bepnox. Os resultados obtidos destacam as características e propriedades dos Sintagmas Nominais na língua Mebêngôkre. Espera-se que este estudo contribua significativamente para as pesquisas sobre as línguas da família Jê e para a valorização do patrimônio linguístico e cultural do povo Mebêngôkre.

PALAVRAS-CHAVE: Mebêngôkre (Kayapó). Sintagmas Nominais. Família Jê.

ABSTRACT

SOUSA, Vicente Carvalho de. **A study on the Noun Phrases of Mebêngôkre: contributions to the teaching of a Jê language.**.. 2024. 80f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Linguística e Línguas Indígenas) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

The present research aims to analyze the Noun Phrases (SNs) in the Mebêngôkre language, spoken by the people of the same name, also known as Kayapó. In the municipality of São Félix do Xingu, located in the state of Pará, where there are 32 indigenous schools distributed in 32 villages, the Mebêngôkre language was recognized as co-official in 2019. The methodology adopted for the research included the use of sentence translation forms, created by Vieira (2021), for data collection. Additionally, the study was based on linguistic descriptions of the Mebêngôkre language carried out by Silva (2001), Salanova (2001), Costa (2015), Menezes (2018) and Mendonça Junior (2021). Sentences in Portuguese were translated into the Mebêngôkre language with the help of native speakers linked to the Capitão Bepnox Indigenous School. The results obtained highlight the characteristics and properties of Noun Phrases in the Mebêngôkre language. It is expected that this study will contribute significantly to research on the languages of the Jê family and to the appreciation of the linguistic and cultural heritage of the Mebêngôkre people.

KEYWORDS: Mebêngôkre (Kayapó). Noun Phrase. Jê family. Indigenous Languages.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Turma da Escola Indígena Capitão Bepnox – Aldeia Kôkraxmôr78

Imagem 2 - Escola Capitão Bepnox à esquerda e Aldeia Kôkraxmôr logo a frente78

Imagem 3 - Localização de aldeias no Rio Xingu. Destaque para a aldeia Kôkraxmôr, número 02 no mapa79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes possessivos34

Quadro 2 - Pronomes (livres e presos)44

Quadro 3 - Pronomes livres em Mebêngôkre45

Quadro 4 - Pronomes presos em Mebêngôkre (Kayapó)46

Quadro 5 - Classificação dos pronomes pessoais em Xikrin48

Quadro 6 - Pronomes Ergativos em Mebêngôkre50

Quadro 7 - Os pronomes demonstrativos em Mebêngôkre (Kayapó)55

LISTA DE SIGLAS

AFP- Associação Floresta Protegida

LDBEN- Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

MICEB – Missão Indígena Cristã Evangélica aos Índios do Brasil

DSEI- Distrito Sanitário Especial Indígena

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

ISA – Instituto Socioambiental

MN – Museu Nacional

ONGs- Organizações Não Governamentais

PROFLIND – Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

RCNEI- Referencial Curricular Nacional da Educação Indígena

SEMED- Secretaria Executiva Municipal de Educação

SEMCULT- Secretaria Municipal de Cultura

SESAI- Secretaria de Saúde Indígena

TI – Terra Indígena

TIK- Terra Indígena Kayapó

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

PIX- Parque Indígena do Xingu

PB- Português Brasileiro

LISTA DE ABREVIATURAS

AF- Verb. afixo verbal	SADJ- Sintagma Adjetival
CONJ- Conjunção	SADV- Sintagma Adverbial
DEM- Demonstrativo	SG- Singular
ERG- Ergativo	SN- Sintagma Nominal
Ess - Essivo	SPREP- Sintagma Preposicional
FEM- Feminino	SV- Sintagma Verbal
FUT- Futuro	PRÉ-DET- Pré-Determinante
OBJ- Objeto	PRON- Pronome
IN - Indefinido	PRON. POSS- Pronome Possessivo
INT- Intransitivo	1SG- Primeira Pessoa do Singular
LOC - Locativo	2SG- Primeira Pessoa do Singular
HUM - Humano	3SG- Primeira Pessoa do Singular
MASC- Masculino	v. - Verbo
MOV - Movimento	□ - Ausência
N- Nome	
NF- Não-futuro	
REC - Recíproco	
REF- Reflexivo	
NEG - Negação	
PC- Paucal	
PL- Plural	
PLUR. HUM- Pluralizador de Humano	
POSS- Possessivo	
POS - Posposição	
QUANT- Quantificador	

SUMÁRIO

	14
1	ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A LÍNGUA MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)17
2	A PESQUISA DE CAMPO COM FALANTES NATIVOS EM SÃO FÉLIX DO XINGU-PA20
2.1	Metodologia para coleta e análise dos dados em Mebêngôkre23
3	ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA25
3.1	A propriedade dos nomes em Mebêngôkre (Kayapó)27
3.1.1	Número28
3.1.2	Gênero29
3.1.3	Grau: aumentativo e diminutivo30
3.1.4	Posse32
3.1.5	Pronomes demonstrativos40
3.1.6	Pronome indefinido <i>me' õ</i> 41
3.1.7	Interrogativos42
3.1.8	Pronome reflexivo42
3.1.9	Pronome recíproco42
3.2	OS PRONOMES PESSOAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)44
3.3	A TERCEIRA PESSOA EM MEBÊNGÔKRE46
3.4	TIPOS DE SINTAGMAS NOMINAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)51
3.4.1	Os Determinantes55
3.5	OS QUANTIFICADORES EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)58
3.6	OS MODIFICADORES EM MEBÊNGÔKRE62
3.7	OS NOMES DEVERBAIS / NOMINALIZAÇÃO64
3.8	O ESTATUTO CATEGORIAL DOS DETERMINANTES: DEMONSTRATIVOS E QUANTIFICADORES66
3.9	OS NUMERAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)68
	CONSIDERAÇÕES FINAIS71
	73
	77
	78
	ANEXO C – Questionário Vieira (2021)80

INTRODUÇÃO

Nas línguas naturais os nomes desempenham um papel fundamental, sendo uma das categorias gramaticais mais amplamente estudadas no campo da linguística. Os nomes representam objetos, entidades, pessoas, lugares, qualidades e conceitos abstratos, conferindo-lhes uma identidade e permitindo que sejam referenciados e discutidos dentro de um sistema linguístico.

Os estudos sobre os nomes, também conhecidos como substantivos, têm sido amplamente explorados e analisados em diversas línguas do mundo, incluindo as línguas indígenas. A importância desses estudos vai além do mero entendimento de como as palavras são formadas e organizadas em uma estrutura sintática. Eles desempenham um papel crucial na preservação e valorização da diversidade linguística e cultural, fornecendo análises valiosas sobre as características únicas de cada língua e sua relação com a identidade dos falantes.

As línguas indígenas, em particular, têm recebido uma atenção crescente nos últimos anos, à medida que se reconhece cada vez mais a importância de documentar, estudar e preservar esses sistemas linguísticos únicos. Essas línguas frequentemente apresentam características gramaticais distintas e complexas, que desafiam as teorias linguísticas estabelecidas e oferecem dados valiosos para o desenvolvimento de teorias mais inclusivas e abrangentes.

Segundo Gomes (2015), as línguas nativas do Brasil desempenham um papel significativo na confirmação dos princípios linguísticos universais e na adaptação teórica de várias abordagens. Os estudos sobre línguas indígenas permitiram explorar novos paradigmas teóricos, expandindo e aprimorando os modelos existentes. A diversidade estrutural e funcional dessas línguas oferece um terreno fértil para a investigação de fenômenos linguísticos específicos, como a estrutura de nomes, a classificação nominal, os sistemas de concordância e outros aspectos relacionados.

Além disso, o estudo das línguas indígenas tem implicações importantes para a inclusão e o empoderamento das comunidades linguísticas minoritárias. Ao entender e valorizar suas línguas, promove-se uma maior autoestima e fortalecimento cultural dessas comunidades, ao mesmo tempo em que se combate a perda linguística e o apagamento cultural que muitas vezes acompanham o processo de colonização e globalização.

Neste cenário, essa pesquisa tem como objetivo principal descrever algumas características dos sintagmas nominais da língua Mebêngôkre, também conhecida como Kayapó (família linguística Jê, tronco Macro-Jê). Falada pelo povo Mebêngôkre que habita várias reservas localizadas entre o sul do Pará e norte do Mato Grosso. Os Kayapó são um grupo étnico que possui uma rica cultura e história. A língua é falada em todas as comunidades por crianças, jovens e adultos.

O Mebêngôkre possui uma estrutura gramatical complexa, com características como uma ordem de palavras flexível, um sistema de marcação de caso, verbos muitas vezes invariáveis e uma grande quantidade de prefixos e sufixos que podem modificar as palavras. A língua também apresenta uma rica fonologia, com uma variedade de consoantes e vogais.

O Mebêngôkre tem um papel importante na preservação da identidade e cultura do povo Kayapó. É uma língua vital para a comunicação dentro da comunidade e transmite conhecimentos tradicionais, histórias e tradições de geração em geração.

No entanto, é importante destacar que, como em muitas outras línguas indígenas, o Mebêngôkre enfrenta desafios de preservação e manutenção devido a fatores como a pressão do contato com a sociedade envolvente e o uso predominante do português no dia a dia. Esforços estão sendo feitos por linguistas, comunidades indígenas e organizações para documentar e revitalizar o Mebêngôkre, promovendo sua valorização e uso contínuo.

Neste cenário, o presente estudo busca contribuir para a compreensão da estrutura gramatical da língua e auxiliar no ensino de sua gramática nas escolas municipais de São Félix do Xingu, no Pará. A língua é cooficial no município desde 2019 (Lei n.º 571). Pretende-se contribuir para uma discussão que amplie o conhecimento sobre a natureza sintagmática dos nominais em Mebêngôkre e possa ser aplicada em sala de aula com alunos indígenas e não-indígenas.

Essa pesquisa foi realizada no período entre 2018 e 2023, durante o qual foram coletados dados linguísticos lexicais e gramaticais. Esses dados serviram como base para o estudo dos sintagmas nominais e das classes de palavras na língua. Através de análises contrastivas com outros grupos linguísticos, foram identificados os diferentes tipos de sintagmas nominais e as construções utilizadas, bem como as motivações por trás dos padrões morfossintáticos encontrados na língua. O estudo busca também contribuir para futuras pesquisas linguísticas e suas aplicações no ensino, tanto para professores indígenas quanto não-indígenas nas escolas da rede

municipal. A intenção é utilizar esses conhecimentos para aprimorar o conhecimento sobre a língua tanto nas aldeias como fora delas.

A pesquisa em questão se destaca pela necessidade de uma abordagem linguística mais aprofundada em relação à língua Mebêngôkre, especialmente nos aspectos de morfologia e sintaxe. Apesar de já existirem dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos, ainda há lacunas a serem preenchidas e aspectos a serem explorados, tornando a presente pesquisa relevante no campo lexical da língua investigada.

A estrutura da dissertação é organizada em uma introdução, três capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, são abordadas as principais pesquisas sobre os sintagmas nominais em Mebêngôkre, com destaque aos estudos relevantes sobre a língua.

No segundo capítulo são compartilhadas as vivências do autor no contexto da educação escolar indígena, além da metodologia adotada para a coleta de dados.

No terceiro capítulo é apresentada a língua Mebêngôkre, sua classificação dentro da família e tronco linguístico, suas peculiaridades morfológicas e sintáticas, com exemplos de outras pesquisas e dados fornecidos pelos próprios falantes durante a realização deste trabalho. Em seguida, uma análise dos dados coletados é apresentada, utilizando a teoria linguística formal e considerando os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos na tipologia sobre as línguas naturais. Com uma metodologia plausível e pertinente, os sintagmas nominais em Mebêngôkre são descritos de forma relevante à compreensão do leitor.

As considerações finais englobam uma síntese geral da pesquisa e suas contribuições para a sociedade Mebêngôkre, a comunidade escolar e os estudos linguísticos sobre a língua. Espera-se que essa investigação não apenas contribua para o avanço do conhecimento teórico em linguística, mas também implique práticas no campo da educação, da revitalização linguística e do empoderamento das comunidades indígenas e minoritárias.

1 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A LÍNGUA MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Diversos estudiosos contribuíram para a compreensão da língua Mebêngôkre ao longo do tempo. Segundo Costa (2015), um marco inicial foi o trabalho de Paul Ehrenreich, publicado em 1894 na revista *Zeitschrift für Ethnologie* (Berlim), intitulado *Die Sprache der Cayapo (Goyaz)*. Nessa obra, Ehrenreich apresentou material linguístico de dois dialetos do povo Kayapó, nomeadamente o dialeto 'Cradaho' e o dialeto 'Uchikring'. Outra valiosa contribuição foi o *Ensaio de gramática Kaiapó* escrito por Antonio Maria Sala e publicado em 1920 na Revista do Museu Paulista. Nessa obra, Sala elaborou um vocabulário Kayapó em português-francês (pp. 405-429). Posteriormente, Nimuendajú (1932) coletou uma lista de palavras da língua Kayapó no médio Xingu e comparou-as com os dados de Socrates, Ehrenreich, Coudreau, Krause e Sala. Em 1934, Hugo Mense publicou um breve vocabulário Kayapó na revista *Santo Antonio, Provinzzeitung der Franziskaner in Nordbrasilien*. Schmidt (1947), em seu trabalho *Los Kayapó de Matto-Grosso*, reuniu os escassos dados disponíveis sobre os Kayapó localizados entre Paranatinga e a parte superior da Bacia do Xingu. Stout e Thomson (1974) contribuíram com três artigos sobre a língua Kayapó. No primeiro desses artigos, intitulado *Elementos proposicionais em Kayapó*, eles abordaram a estrutura das orações Kayapó com base na teoria semântica gerativa, utilizando as teorias de Fillmore (1968), Donald Frantz (1970) e Hall (1969) como referência. Os autores exploraram a fundamentação teórica, os casos existentes na língua (estrutura profunda) e as relações entre a estrutura subjacente e a estrutura de superfície. Além disso, discutiram os diferentes tipos de predicados na língua, definindo-os em termos de papéis semânticos que expressam as relações subjacentes. No segundo artigo, intitulado *Modalidades em Kayapó*, os autores abordam a categoria gramatical da modalidade, que é adicionada a um tema central, ou seja, a proposição, a fim de fornecer coesão e relevância ao discurso em geral. Através deste estudo, os autores procuraram descrever os elementos modais presentes na língua Kayapó, que, segundo eles, constituem a base para os estudos discursivos. No último artigo, intitulado *Fonêmica Txukahamãe*, os autores descrevem o sistema fonológico do Txukahamãe, que é uma variante da língua Kayapó falada na região do alto Xingu. Jefferson (1980) publicou uma *Gramática pedagógica Kayapó*, destinada ao ensino da língua para falantes de Português, com várias observações

culturais sobre os Kayapó. Em 1991, Trevisan & Pezzotti (1991) publicaram o que eles chamaram de *Dicionário Kayapó-Português - Português-Kayapó*, onde eles apresentam uma visão geral dos fonemas da língua Kayapó, juntamente com algumas explicações sobre a pronúncia das palavras. Borges escreveu uma dissertação de mestrado sobre *Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó* (UnB, 1995), na qual abordou os nomes em relações genitivas, fornecendo evidências para a existência de prefixos relacionais em Kayapó. No ano seguinte, Borges publicou um artigo sobre o mesmo tema (BORGES, 1996). Reis Silva e Salanova (2000) exploram a forma como os argumentos são codificados em Mebêngôkre, destacando que essa codificação está relacionada à finitude ou não-finitude do núcleo do predicado verbal. Salanova (2001), em *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*, discute os sistemas fonológicos de Mebêngôkre e Apinayé, iniciando uma reflexão sobre a noção de sistema fonológico e fornecendo uma visão geral dessas línguas. Reis Silva (2001), em *Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)*, sugere que o fenômeno da ergatividade nessa língua está relacionado à forma não-finita do verbo. Costa (2002) apresenta o artigo *Prefixos relacionais no Xikrín*, que aborda os prefixos que flexionam temas nominais em Xikrín para indicar suas relações de dependência e contiguidade sintática com seus determinantes. Em *Notas sobre ergatividade em Xikrín*, Cabral, Rodrigues e Costa (2001[2004]) fazem uma breve exposição das classes de temas verbais, prefixos relacionais e marcadores de pessoa em Xikrín, descrevendo uma divisão entre alinhamento nominativo-absolutivo e ergativo-absolutivo condicionada pela modificação circunstancial dos predicados. No artigo *Xikrín e línguas Tupí-Guaraní: marcas relacionais*, Cabral e Costa (2001[2004]) destacam alguns paralelismos gramaticais entre a língua Xikrín e as línguas Tupí-Guaraní, como a expressão de posse indireta e o sistema de marcas relacionais, incluindo o morfema *mẽ-*, que indica que o determinante é genérico e humano em Xikrín. Os autores afirmam que esses paralelismos podem fornecer evidências adicionais para a proposta de afinidades entre as famílias linguísticas Jê e Tupí, conforme proposto por Rodrigues (1985, 1992). No ano de 2003, Costa apresenta sua dissertação de mestrado com o título *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê*. Nessa pesquisa, o autor examina as classes de palavras e os tipos de predicados na língua Xikrín, demonstrando que, nas orações independentes, o agente de verbos transitivos e o argumento interno de

verbos intransitivos ativos são marcados pelas mesmas formas pessoais. No artigo *Pessoa e número: estratégias de combinação em Xikrín*, Costa (2007) demonstra como os indivíduos Xikrín utilizam as marcas pessoais, combinando-as ou não com outras partículas, para indicar os participantes da interação verbal. Em *Nominalizations and aspect*, Salanova (2007) discute alguns aspectos relacionados a nominalizações e ergatividade em Mebêngôkre. Já em 2010, na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, é publicado o artigo *Correferencialidade sintática e alinhamento em Xikrín do Cateté* (Costa, Xikrín e Cabral, 2010, p. 285-308). Nesse artigo, os autores descrevem as principais estratégias para expressar referência compartilhada nas orações. Recentemente, em Freitas (2021), um novo estudo sobre *Aspectos Morfossintáticos em Mebêngôkre: transitividade de marcação de argumentos* é publicado através da Universidade Federal do Pará (UFPA).

No Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas (Proflind), Museu Nacional (UFRJ), várias pesquisas foram realizadas sobre a língua Mebêngôkre. Menezes (2018) sobre *As classes lexicais da língua Mebêngôkre*, Silva Menezes (2018) com uma proposta de análise dos nomes relativos às espécies cultivadas pelos Kayapó nas roças em *Puru Mexkumex: língua e etnobotânica na escola Mebêngôkre*, Silva (2018) sobre um dos sistemas de nomenclatura na língua em *Onomástica Mebêngôkre: aspectos linguísticos dos nomes cerimoniais e o contexto escolar*. Em seguida, Mendonça Junior (2021) com *Aspecto Lexical em Mebêngôkre (Kayapó): estudo com indígenas em trânsito pela cidade de São Félix do Xingu-PA*. Além de outras pesquisas que estão em andamento como *O aspecto gramatical na língua Mebêngôkre (Kayapó): uma investigação no quadro da Semântica Formal* e, especificamente sobre nomes, *(In)definitude: estudo com falantes de Mebêngôkre (Kayapó) sob a perspectiva da Semântica Formal*.

1 A PESQUISA DE CAMPO COM FALANTES NATIVOS EM SÃO FÉLIX DO XINGU-PA

Minha entrada na comunidade indígena ocorreu devido a uma professora que teve problemas de saúde, deixando seu cargo vago. No início, eu estava completamente despreparado em relação a metodologias de ensino e ao conhecimento da cultura Mebêngôkre. As primeiras semanas de trabalho foram complicadas, pois tive dificuldades em me comunicar com eles, e vice-versa. Como mencionado anteriormente, meu despreparo era total, as poucas orientações que recebi sobre a cultura e o modo de vida foram obtidas diretamente com os nativos. Felizmente, eles me receberam pacificamente, pois há relatos de que quando a comunidade indígena não gosta ou se não se identifica com um profissional, ele é imediatamente removido.

Permaneci seis meses nessa pequena comunidade chamada Kêdjêrêkrã, trabalhando na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Ipÿpÿ, em salas de aula multisseriadas. Aprendi muito sobre a cultura e os hábitos alimentares dos Mebêngôkre, participando ativamente de práticas culturais como danças, pescarias e pinturas. Foi uma aventura maravilhosa e uma oportunidade de adquirir conhecimentos tradicionais extremamente relevantes.

No ano seguinte, em 2017, fui chamado novamente pelo Departamento Escolar Indígena para trabalhar em uma aldeia indígena ainda mais distante, que ficava a quase duas horas de voo da cidade. Essa aldeia, chamada Kêndjãm na língua indígena, fazia parte de uma comunidade maior e já tinha outra profissional de educação atuando na época.

Diferentemente da primeira experiência na comunidade indígena, a SEMED organizou um "Encontro Pedagógico" de três dias, o que me possibilitou ter uma visão geral sobre os Mebêngôkre. Foi um ano de muita aprendizagem nessa comunidade, onde trabalhei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Pykatire. Infelizmente, não pude permanecer o ano letivo inteiro, o que dificultou o desenvolvimento de um bom trabalho.

Nessas comunidades, enfrentamos uma forte incidência de epidemias e doenças virais, que às vezes se tornavam insuportáveis. Durante aquele semestre, tive alguns episódios de malária, devido ao aumento comum dessa doença durante a estação chuvosa nas comunidades indígenas. Os primeiros sintomas foram leves,

mas posteriormente enfrentei episódios mais graves, que me deixaram bastante debilitado. Em uma reunião com a secretária de educação, decidimos que eu passaria a trabalhar em conjunto com o Departamento Escolar Indígena como Supervisor Escolar nas comunidades indígenas localizadas no rio Fresco (afluente do Xingu).

Foi um semestre extremamente produtivo e gratificante para mim, tanto como profissional quanto como ser humano. Procurei ouvir e fornecer um atendimento diferenciado aos meus colegas de profissão, estabelecendo uma comunicação mais frequente entre a Secretaria/Departamento e as escolas indígenas. Nesse mesmo ano, tive uma oportunidade única de ministrar aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para o Ensino Médio no Magistério Indígena, no âmbito do Curso Itinerante de Formação de Índios do Estado do Pará em São Félix do Xingu.

Enfrentei novos desafios e rompi barreiras. Assim, meu vínculo com os Mebêngôkre foi se fortalecendo cada vez mais. Durante esse período, mesmo que curto, pude estudar e aprender mais sobre a língua.

Foi a partir das aulas ministradas nesse curso, com uma média de quarenta e oito alunos em sala de aula, provenientes das mais diversas comunidades, mas com a mesma etnia, que percebi o quão importante é o estudo e a formação de professores para o Magistério Indígena. Entre as cidades que foram contempladas, podemos citar a sede de São Félix do Xingu, além das circunvizinhas Tucumã, Ourilândia do Norte, Redenção, Cumaru do Norte e até Bannach, todas pertencentes ao Estado do Pará.

Em 2018, retornei à comunidade indígena com a qual tive meu primeiro contato. Dessa vez, já possuía uma bagagem muito melhor e diferente da primeira vez, pois tinha conhecimentos básicos sobre a língua e entendia grande parte das expressões idiomáticas, como saudações, cumprimentos, perguntas curtas, entre outras, o que facilitou muito o desenvolvimento socioeducativo e sociocultural. No entanto, a língua indígena Mebêngôkre é complexa para quem não a conhece, assim como qualquer língua, possui suas peculiaridades. Nessa ocasião, permaneci na aldeia até o final do primeiro semestre.

Foi nessa mesma época, nas últimas semanas de maio, que recebi notícias sobre a divulgação do Processo Seletivo do Programa de Mestrado Profissional em Linguística em Línguas Indígenas (PROFLLIND) do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de amigos e até mesmo por meio de um rádio. A secretaria autorizou minha saída e, em uma reunião com o consentimento dos indígenas, informei sobre minha vontade de participar do curso.

Passei pelas etapas do processo seletivo do PROFLLIND e fui aprovado.

Em 2019, permaneci na comunidade durante todo o ano letivo. Nesse mesmo ano, a Secretaria Executiva Municipal de Educação (SEMED) organizou um curso instrumental de Kayapó para professores indígenas e não indígenas que atuavam na cidade e no campo. O curso foi dividido em quatro módulos, o que facilitou o processo de ensino e aprendizagem, bem como a relação entre professor, aluno e comunidade. Minhas idas ao Rio de Janeiro para frequentar o curso foram complicadas, mas consegui superar cada obstáculo com muita dificuldade. Concluí todas as disciplinas do curso com êxito, o que me proporcionou uma melhor preparação técnica para realizar a pesquisa atual.

A diversidade linguística e cultural dos povos indígenas no Brasil é vasta e complexa, refletindo suas diferentes experiências de vida, conhecimentos e tradições. Ao estudar a língua Mebêngôkre de forma mais aprofundada, pude constatar a riqueza que essa língua possui e a importância de abordar as questões linguísticas no contexto brasileiro. A língua desempenha um papel fundamental como meio de comunicação e transmissão de conhecimento.

Conforme afirmado por Rodrigues (1986, p. 17), os povos indígenas no Brasil não são um único povo, mas sim diversos povos distintos, cada um com suas próprias práticas, costumes, habilidades tecnológicas, estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofias. Além disso, eles se diferenciam também pela variedade de línguas que falam.

Para realizar esta pesquisa, contei com a orientação e consultoria de falantes nativos da comunidade em que lecionava, como P. K, R.K e B.K, que foram meus alunos na modalidade de Ensino Médio Indígena na aldeia Kôkraxmôr.

Parte da pesquisa foi desenvolvida de forma remota, utilizando o aplicativo *WhatsApp* como meio de comunicação, uma vez que não houve contato físico direto com os informantes durante o período da pandemia e não houve aulas presenciais regulares nas escolas indígenas. Agora, com a volta às aulas, não haveria tempo suficiente para um processo de liberação de acesso às aldeias com a finalidade de novas entrevistas. Dessa forma, para a conclusão dessa pesquisa em tempo hábil, optei pela coleta de forma remota, sem contato físico com os falantes, uma vez que grande parte das comunidades já possuem acesso à internet.

Contei com a participação de indígenas que residem no município de São Félix do Xingu, no estado do Pará. A aldeia Kôkraxmôr é uma das maiores e mais bem

estruturadas da região, especialmente em relação a sua "Escola Indígena", que conta com professores, coordenadores, monitores e servidores, incluindo membros do próprio povo Mebêngôkre, responsáveis pela manutenção e conservação do ambiente escolar, oferecendo diversos níveis de ensino.

1.1 Metodologia para coleta e análise dos dados em Mebêngôkre

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre os sintagmas nominais em Mebêngôkre, com base nas descrições realizadas por Silva (2001), Costa (2015), Menezes (2018) e Mendonça Junior (2022). Por meio do questionário para identificação e classificação de classes lexicais elaborado por Vieira, foi possível compreender os processos de nominalização e verbalização em Mebêngôkre, além de identificar algumas classes lexicais e descrever, de forma sucinta, as propriedades e características dos nominais na língua. A pesquisa busca, assim, contribuir com estudos anteriores e apresentar uma proposta de ensino da língua nas escolas municipais de São Félix do Xingu, no estado do Pará.

O questionário utilizado para as entrevistas (em anexo) foi aplicado nas escolas das aldeias de São Felix do Xingu, entre os anos de 2018 e 2019, período em que cursava disciplinas do mestrado e atuava como professor nas aldeias do município. Participaram das entrevistas três falantes nativos de Mebêngôkre, que contribuíram com a tradução e interpretação de nomes e sentenças do português para o Kayapó. As coletas ocorreram em ambiente escolar, durante os intervalos das disciplinas, com participação voluntária. Cada colaborador auxiliou no preenchimento do questionário sempre que desejou, ao longo de seis meses de coleta.

Os dados coletados, compostos por nomes e sentenças, foram organizados em glosas, com tabelas e traduções para o português. Cada item foi submetido à revisão de dois falantes nativos distintos, com o objetivo de verificar a precisão do sentido e da tradução. Os critérios para classificação dos itens lexicais foram baseados nos estudos de Vieira (1995, 2021) e Menezes (2018), considerando aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos.

O anonimato dos participantes foi integralmente preservado. Antes da

aplicação das entrevistas, a comunidade foi consultada para garantir o consenso entre famílias e lideranças quanto à realização da pesquisa. Apesar de os voluntários serem maiores de 18 anos e estudantes da escola indígena, assegurou-se que o estudo não traria qualquer prejuízo à saúde ou bem-estar dos participantes. Foi permitido que eles desistissem ou interviessem no processo de pesquisa a qualquer momento, caso desejassem.

Além da pesquisa, foi acordado com a comunidade que, ao término do mestrado, seria oferecida uma oficina sobre os sintagmas nominais em Mebêngôkre como forma de contribuição à educação escolar indígena e em agradecimento pelo apoio recebido.

Embora os dados tenham sido coletados entre 2018 e 2019, algumas informações não puderam ser confirmadas presencialmente devido à pandemia de COVID-19, que dificultou o retorno à aldeia entre 2020 e 2022. A viabilidade para conclusão da pesquisa somente foi alcançada em 2023, com a chegada da internet às aldeias. Com o acesso à tecnologia, foi possível finalizar as entrevistas e esclarecer dúvidas pendentes por meio de contatos realizados via WhatsApp, considerando que o pesquisador reside atualmente em Canaã dos Carajás, a 480 km do local de coleta.

No tópico seguinte, são apresentadas as análises e os resultados baseados nos dados coletados junto a falantes nativos de Mebêngôkre. Espera-se que esta descrição contribua significativamente para os estudos das línguas Jê e, especialmente, para o ensino da língua Kayapó como disciplina nas escolas municipais de São Félix do Xingu, onde é cooficial desde 2019.

2 ANÁLISES E RESULTADOS DA PESQUISA

Na linguística, um sintagma nominal (ou SN) é uma estrutura gramatical que consiste em um substantivo (ou pronome) e seus modificadores. O sintagma nominal desempenha a função de sujeito, objeto direto, objeto indireto ou complemento de um verbo em uma frase. As principais estruturas básicas de um SN nas línguas naturais são:

Núcleo: O núcleo do sintagma nominal é o substantivo (ou pronome) central que fornece o significado principal. Por exemplo, em "O livro", "livro" é o núcleo do sintagma nominal.

Determinante: O determinante é uma palavra ou expressão que acompanha o núcleo para indicar seu status gramatical e/ou fornecer informações adicionais sobre a referência do nome. Os determinantes em português, por exemplo, podem ser artigos definidos (como "o", "a", "os", "as"), artigos indefinidos (como "um", "uma", "uns", "umas"), pronomes demonstrativos (como "este", "essa", "aqueles"), pronomes possessivos (como "meu", "seu", "nosso") e muitos outros.

Modificadores: Os modificadores são palavras ou expressões que descrevem, qualificam ou especificam um nome. Eles podem incluir adjetivos (como "bonito", "grande", "vermelho"), locuções adjetivas (como "cheio de vida", "amigo de infância"), numerais (como "dois", "muitos", "primeiro"), entre outros.

Complementos: Em alguns casos, um sintagma nominal pode ter complementos que fornecem informações adicionais sobre um nome. Por exemplo, em "O livro de história", "de história" é um complemento que indica a categoria do livro.

Além desses elementos principais, um sintagma nominal pode formar outras estruturas sintáticas como adjuntos que modificam o SN como um todo. Essa estrutura pode variar de língua para língua. Algumas podem ter mais ou menos elementos do que os mencionados acima, e a ordem dos elementos também pode variar. É importante observar que a estrutura do sintagma nominal pode ser flexível e adaptar-se às necessidades da sentença e do contexto.

Em muitas línguas indígenas, como o Mebêngôkre (Kayapó), não há artigos e os nomes, muitas vezes, são invariáveis. Essa característica constitui um desafio para a análise, mas evidencia uma riqueza na diversidade como codificam a referência.

Costa (2003), em suas análises sobre a língua Mebêngôkre afirma que sua característica tipológica é de língua isolante, uma vez que apresenta pouca morfologia verbal e nominal. As línguas isolantes são aquelas cujas palavras são monomorfêmicas. Desta forma, elas possuem pouca ou nenhuma flexão ou afixos derivacionais. Isso impede uma divisão clara entre morfemas e palavras. Isto é, em uma língua isolante, um morfema equivale a uma palavra, e cada palavra é, em si, um morfema.

Contudo, há uma presença mínima, de flexão nos nomes e nos verbos, como sugere Silva (2001). Salanova (2000 *apud* REIS SILVA, 2001), descreve que as raízes nominais permitem tanto uma leitura “nominal” quanto “verbal”:

- (a) (ba) *i-pa* 'meu braço' ou 'eu tenho braço'
- (b) (ga) *a-prõ* 'tua mulher' ou 'você tem mulher'
- (c) (c). (ba) *i-prõt* 'eu corro' ou 'minha corrida'
- (d) (ba) *i- dʒudʒum* 'meu feitiço' ou 'eu sou feiticeiro'
- (e) (ba) *i-kaben* 'minha fala' ou 'eu falo'
- (f) *i-kurwa* 'ele me bateu'
- (g) *i-mã are* 'diz para mim' (imperativo)
- (h) *ga boj* 'você chega'
- (i) *ba t̩* 'eu fui'

Segundo os mesmos autores, é possível, por meio de critérios morfossintáticos, fazer uma distinção entre *Nome* e *Verbo* na língua:

Com base na variação morfológica e sintática de determinadas raízes, Reis Sila e Salanova (2000) estabeleceram uma divisão entre duas categorias, considerando verbos aquelas raízes que possuem uma forma finita e outra não infinita que se reflete na forma de marcar seus argumentos. (SILVA, 2001, p. 23).

De acordo com Silva (2001), somente as raízes que apresentam uma única leitura, a verbal, e que possuem uma forma finita e outra não finita¹ devem ser consideradas verbos em Mebêngôkre, como demonstra os exemplos abaixo:

¹ “O que estamos chamando de formas não-finitas no Mebêngôkre podem ser traduzidas para o Português como uma forma gerundiva ou participial, são tradicionalmente consideradas formas nominais.” (SILVA 2001, p. 27)

Forma finita	Forma não-finita
(j) bĩ	bĩn 'matar'
(k) krẽ	krẽn 'comer'

(SILVA 2001, p. 27)

2.1 A propriedade dos nomes em Mebêngôkre (Kayapó)

Os nomes em Mebêngôkre não marcam número ou gênero e a quantificação é expressa através de modificadores especializados. Silva (2001, p. 23) considera que as “palavras invariáveis tanto na forma do seu radical quanto na maneira de marcar os seus argumentos” são nomes, enquanto as raízes que “exibem uma variação em seu radical, seja pelo acréscimo de um morfema ou da flexão de pessoa”, são verbos.

Costa (2015), por outro lado, leva em consideração critérios estruturais, distribucionais e semânticos para análise do Mebêngôkre (Xikrin). Além do critério de dependência, ele apresenta três tipos de nomes em Mebêngôkre: nomes relativos, nomes descritivos e nomes absolutos. O primeiro refere-se àqueles que se revelam por meio de marcas morfossintáticas e estabelecem uma relação de dependência com outro nominal, formando uma unidade sintática. Em outras palavras, são também conhecidos como inalienáveis (partes do corpo, relações de parentesco, objetos ligados ao corpo, dentre outros). O segundo, são aqueles que “dizem respeito à qualidade, à sensação física, ao estado mental e à dinamicidade” (COSTA, 2015, p. 54). O terceiro, são aqueles que não dependem de outra entidade para existir, segundo ele, são referentes à fauna, à flora, elementos da natureza e nomes de pessoas. Também conhecidos como alienáveis.

Menezes (2018) apresenta uma descrição das categorias lexicais na língua Mebêngôkre (Kayapó) com base em três critérios de identificação propostos por Oliveiras (2003 apud Radford, 1998): Morfológico, Sintático e Semântico. Metodologia que será adotada neste trabalho.

Diante do quadro de pesquisas sobre os SN em Mebêngôkre, essa pesquisa tem como objetivo apresentar algumas dessas formas nominais de acordo com suas

propriedades mais típicas como número, gênero, modificação e quantificação. Os dados foram coletados em sala de aula com alunos da Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Capitão Bepnox durante o ano de 2019.

2.1.1 Número

Em Mebêngôkre, a marca de número é regida pela presença do morfema livre *kumex* que expressa nas palavras o sentido de “muito/muitos/muitas”, conforme apresentamos nos dados a seguir:

1.	Kikre Casa	Kikre Casa 'Muitas casas'	kumex muitas
2.	Kri□ Aldeia	Kri□ Aldeia 'Muitas aldeias'	kumex muitas
3.	Pidjôrã Flor	Pidjôrã Flor 'Muitas flores'	kumex muitas
4.	Mrykrãnhê Gato	Mrykrãnhê Gato 'Muitos gatos'	kumex muitos
5.	Me my Homem	Me my Homem 'Muitos homens'	kumex muitos
6.	Kanhêtire Estrela	Kanhêtire Estrela 'Muitas estrelas'	kumex Muitas
7.	Kàx Faca	Kàx Faca 'Muitas facas'	kumex muitas

- | | | | |
|-----|-----------------|-------------------------------------|-----------------|
| 8. | Kruwa
Flecha | Kruwa
Flecha
'Muitas flechas' | kumex
Muitas |
| 9. | Kà
Canoa | Kà
Canoa
'Muitas canoas' | kumex
muitas |
| 10. | Tep
Peixe | Tep
Peixe
'Muitos peixes' | kumex
muitos |

Como apontado por Menezes (2018), o clítico *me* também expressa quantidade e é usado para marcar o plural ou o coletivo de algumas palavras:

- | | | |
|-----|-----------------------|------------------|
| 11. | Ga
Você
'Vocês' | me
PL |
| 12. | Me
PL
'Moças' | kurerere
moça |

2.1.2 Gênero

Segundo Costa (2015) a noção de gênero não se gramaticalizou em Mebêngôkre. O que a língua faz é a distinção entre gêneros biológicos através dos morfemas presos identificados como *my* (homem/macho) e *nire* (mulher/fêmea):

- | | | |
|-----|--------------------|--------------------------|
| 13. | Me bokti
Menino | Me
pri-tire
Menina |
| 14. | Me my
Homem | Me nire
Mulher |
| 15. | Okrãnhê | Okrãnhê |

	my Galo	nire Galinha
16.	Mrykrãnhê my Gato	Mrykrãnhê nire Gata
17.	Ropre my Cachorro	Ropre nire Cachorra

Essa marcação de gênero biológico também é observada entre as categorias de pessoas² dentro da organização social, de acordo com a função que desempenham. Nos dados abaixo, percebe-se a ausência do morfema preso *-nire*, como forma de distinguir o gênero biológico.

18.	Okrãnhê Galo	Okrãnhê nire Galinha
19.	Mrykrãnhê Gato	Mrykrãnhê nire Gata
20.	Ropre Cachorro	Ropre nire Cachorra

2.1.3 Grau: aumentativo e diminutivo

Na língua o grau é dado basicamente com o uso do morfema preso *-ti*, ou livre *rax* para indicar o aumentativo e o livre *ngrire*³ ou preso *-re* para indicar o diminutivo.

2 Em Mebêngôkre é dado a seguinte divisão de nomes de acordo com a classe social que é desempenhada dentro da aldeia como por exemplo: Me prire, pessoas pequenas, isto é, crianças, Me kurere, são as moças ainda sem serem mães. Mebênget, são anciões ou velhos, Me kupry, são mulheres não casadas e não virgens, Benjadjwyr, são os chefes isto é os caciques, Benjadjwyr ny, são chamado de novo chefe, Benjadjwyr ngri, denominados como sub-chefes, Benjadjwyr rax, denominados como grande chefe, Me Krākam-ngonh, são os guerreiros e Wajangare, que são os pajés.

3 Na dissertação de Menezes (2018) ela refere-se a esses morfemas como suposto substantivos restritivos que expressam traços aos nomes com o sentido (menos humanos) e (mais animados),

Há também na língua **abantành** que pode ser interpretado como grande, maior ou volumoso. Em outras palavras atribuem o vocábulo **rax**, o que no português seria um superlativo do grau aumentativo, o que pode ser notadamente observado nos exemplos abaixo:

21.	Kikre Casa	Kikre Casa 'Casarão'	rax AUM
22.	Me bôkti Menino	Me bôkti Menino 'Menininho/Menininhos'	-re DIM
23.	Mrykrānhê Gato	Mrykrānhê Gato 'Gatão'	-ti AUM
24.	Bri Sapo	Bri Sapo 'Sapão'	-ti AUM
25.	Kà Canoa	Kà Canoa 'Canoão'	rax AUM
26.	Kà Canoa	Kà Canoa 'Canoa grande'	abatành grande
27.	Inhruwa Mãe (Vocativo)	Inhruwa Mãe 'Mãezona'	-ti AUM
28.	Kubējaê Rede (de dormir)	Kubējaê Rede 'Rede grande'	rax AUM

29.	Krã Cabeça	Krã Cabeça 'Cabeção'	-ti AUM
30.	Mrykrãnhê Gato	Mrykrãnhê Gato 'Gatinho'	ngrire DIM
31.	Kikre Casa	Kikre Casa 'Casinha'	ngrire DIM
32.	Pidjôrã Flor	Pidjôrã Flor 'Florzinha'	ngrire DIM
33.	Krãnhêtire Estrela	Krãnhêtire Estrela 'Estrelinha'	ngrire DIM

2.1.4 Posse

A noção de posse nessa língua divide-se basicamente em duas categorias: a primeira classificada como **alienável** e a segunda como **inalienável**. Divisão essa bem comum às línguas da família Jê. Em outras palavras, esses nomes também podem ser compreendidos como *transferíveis* ou *intransferíveis*. Mithun (1999) destaca:

As relações possessivas construídas através de SN são consideradas construções atributivas e aquelas que expressam através de uma oração são consideradas construções predicativas. Na construção predicativa, a posse é o ponto principal da oração e, geralmente, é o verbo o elemento que carrega o conteúdo semântico de posse; nas construções atributivas, por outro lado, a posse é indicada por um modificador dentro do SN.

Em Mebêngôkre a noção de inalienável está sempre ligada a um possuidor, marcado gramaticalmente por um prefixo de pessoa. Para a primeira pessoa *i-*, segunda pessoa *a-* e terceira pessoa $\square-$. Há também o possuidor genérico ligado ao povo ou humano *Me*.

2.1.4.1 Os nomes alienáveis

Os nomes alienáveis (transferíveis) referem-se às coisas que podem ser transferidas como: utensílios, objetos não ligados ao corpo, casa, meios de transportes etc. Comumente são formados por pronomes pessoais presos, seguidos pelo marcador de posse **-nhõ**. Observe no quadro abaixo os prefixos que se ligam ao nome para designar o sentido de posse.

Quadro 1 - Pronomes possessivos

Singular	Plural
Morfema preso	Morfema preso
1ª pessoa: <i>i-</i>	1ª pessoa: <i>Me i-</i>
2ª pessoa: <i>a-</i>	2ª pessoa: <i>Me a-</i>
1ª e 2ª pessoa: <i>guba</i>	1ª e 2ª pessoa: <i>Me ba-</i> 1ª, 2ª e 3ª pessoa: <i>Gwaj</i>
3ª pessoa oculta: <i>õ</i>	3ª pessoa: \emptyset - <i>alomorfe zero (Ausência de pessoa)</i>
3ª pessoa concreta: <i>-nhõ</i>	
Reflexivo: <i>amĩ</i>	
Recíproco: <i>abe□n</i>	

Adaptado de Menezes (2018).

Exemplos:

34. Gwaj ba-nhõ kàx
 Nós 1- faca
 (inclusivo) POSS
 'Nossa faca'
35. i-nhõ kà
 1- canoa
 POSS
 'Minha canoa'

36. a-nhõ kà
2- canoa
POSS
'Tua canoa'
37. Vicente □-kà
Vicente 3-POSS-
canoa
'Canoa do Vicente'
38. i-nhõ kwy□-
kre□n
1- parte-
POSS comer
'Minha comida'
39. a-nhõ kwy□-
kre□n
2- parte-
POSS comer
'Tua comida'
40. Tãwã- kwy□-kre□n
nhõ
3-POSS parte-
comer
'Comida dele'
41. i-nhõ kikre
1- casa
POSS
'Minha casa'
42. a-nhõ kikre
2- casa
POSS
'Tua casa'
43. Tãwã- kikre
nhõ
3-POSS casa
'Casa
dele'
44. i-nhõ karaxu
1- colher

- POSS
'Minha colher'
45. a-nhõ kàx
2- faca
POSS
'Tua
faca'
46. Gu ba- kax
nhõ cesto
PL 1-
POSS
'Nosso cesto'
47. □-õ kaprãn
3- jabuti
POSS
'Jabuti
dele'
48. Gwaj ba- kàx
nhõ
1PL 1- faca
POSS
'Nossa
faca'
49. i-nhõ i-
bixaêrêdjà
1- 1-
POSS brinquedo
'Meu brinquedo'
50. a-nhõ a-
bixaêrêdjà
2- 2-
POSS brinquedo
'Teu brinquedo'
51. Tãwã □-bixaêrêdjà
3 3-POSS-
brinquedo
'Brinquedo dele'

52. Gwaj ba- kri
nhõ
1PL 1- aldeia
~~~~
53. Ba amĩdjwa kaba  
1 REFL- v.  
dente tirar  
'Eu tirei o meu dente'
54. Gu abeñ- kaba  
djwa  
1 REC- v. tirar  
dente  
'Nós (1+2) tiraremos o  
dente'

Rodrigues (1986), mostra a ocorrência da terceira pessoa em algumas das línguas do tronco Macro-Jê. Segundo ele, há uma terceira pessoa que não é reflexiva (dele) e outra reflexiva (dele mesmo). Observando-se o quadro proposto por ele para diversas línguas do tronco Macro-Jê, vê-se que em algumas línguas a terceira pessoa reflexiva é *ta* ou outra forma fonologicamente semelhante a esta. No Mebêngôkre a pessoa reflexiva é marcada pelo morfema *amĩ* enquanto o recíproco por *abeñ*.

#### 2.1.4.2 Os nomes inalienáveis

Na posse inalienável, a entidade possuída não poder ser adquirida, transferida ou separada do possuidor (PAYNE, 1997). Ainda segundo o autor, este tipo de posse pode incluir termos de parentesco e/ou partes do corpo. Línguas que distinguem a posse inalienável incluem termos na classe de itens inalienavelmente possuídos. Essa classificação pode variar, de língua para língua, de modo que alguns itens, que semanticamente parece pertencer uma classe, são agrupados na outra, sem razão aparente.

Conforme a autora além das partes do corpo e dos termos de parentescos, algumas línguas incluem certos itens culturalmente importantes como rede, cocar, canoa, terçado, cuia, flecha etc. Mithun (1999) descreve que em algumas línguas apenas os parentes relacionados através do sangue são considerados inalienáveis, enquanto os adquiridos através do matrimônio são classificados como alienáveis.

Itens que pertencem à esfera pessoal (pegadas, sombra, nome, nação, vestuário ou objetos pessoais) também podem ser classificados como posses inalienáveis.

Em Mebêngôkre é considerado posses inalienáveis os seguintes itens: parte do corpo, adereços que são usados no corpo, ou seja, os *nekrex*<sup>4</sup>, nomes de pessoas, relações de parentesco, vestuário, objetos intrinsecamente pessoais e a moradia.

Os substantivos inalienáveis ou intransferíveis são marcados gramaticalmente com a presença de prefixos de pessoa: 1ª pessoa do singular *i-*, 2ª pessoa do singular *a-* e 3ª pessoa do singular *□-*, além do marcador genérico para humano ou povo *Me*

Exemplos:

55. Me iny□x-kam-angà  
Hum Pulso-POS-  
miçanga  
'Pulseira'

56. i-□-kà-kangô  
1-REL-seio-  
líquido  
'Meu leite'

57. i-□-kop  
1-REL-  
unha  
'Minha unha'

58. a-□-  
bãm  
2-REL-  
pai  
'Teu  
pai'

59. i-□-ngêt  
1-REL-  
avô  
'Meu  
avô'

---

4 Em Mebêngôkre todas as partes do corpo são inalienáveis, os adereços do corpo, como por exemplo são objetos que somente uma família poder usar, portanto é exclusiva daquela família (Lea, 2012).

60. a-□-k̄  
2-REL-  
cabelo  
'Teu  
cabelo'
61. i-□-nã  
1-REL-  
mãe  
'Minha  
mãe'
62. a-□-nã  
2-REL-  
mãe  
'Tua  
mãe'
63. Tãwã □-nã  
3 REL-  
mãe  
'Mãe dele'
64. Gwaj □-nã  
1PL (inclusivo) REL-  
mãe  
'Nossa mãe'
65. i-□-mut  
1-REL-  
pescoço  
'Meu  
pescoço'
66. i-□-krã  
1-REL-  
cabeça  
'Minha  
cabeça'
67. a-□-krã  
2-REL-  
cabeça  
'Tua cabeça'

68. Vicente □-krã  
Vicente 3-REL-  
cabeça  
'Cabeça do Vicente'

69. i-□-kra  
1-REL-  
filho  
'Meu  
filho'

70. a-□-kra  
2-REL-  
filho  
'Teu  
filho'

71. i-nhõ  
kredjê  
1-POSS  
colar  
'Meu colar'

72. a-nhõ  
kredjê  
2-POSS  
colar  
'Teu colar'

73. i-nhõ parikà  
1-POSS  
sandália  
'Minha  
sandália'

74. a-nhõ parikà  
2-POSS  
sandália  
'Tua sandália'

#### 2.1.5 Pronomes demonstrativos

Menezes (2018) descreve que em Mebêngôkre há dois demonstrativos mais

frequentes na língua: *wã* e *jã*. São marcas que situam a posição das entidades no discurso em relação ao tempo e espaço. *Wã* para distante do falante e *jã* para próximo.

Exemplos:

75. Me nire já  
HUM FEM DEM  
'Esta mulher'

76. i-□-kra ne wã  
1-REL- NF DEM  
filho  
'Aquele é meu  
filho'

#### 2.1.6 Pronome indefinido *me'õ*

Estudos recentes sobre os (in)definidos em Mebêngôkre indicam que a partícula *õ* associa-se com diversos outros morfemas ou nomes para gerar a interpretação de indefinido na língua. Segundo Mendonça Junior (2022) não há marcadores de definitude na língua, mas uma diversidade de marcadores de indefinidade em Mebêngôkre. A pesquisa está em andamento e não há resultados concretos. Entretanto, durante o levantamento dos dados encontramos o indefinido *õ* associado ao morfema *Me* para humano, com a interpretação de *alguém* ou *quem*.

77. Me 'õ bôx  
HUM v.  
IN chegar  
'Alguém chegou'

78. My□j Me , bôx  
  
õ  
INT HUM- v.  
IN IN chegar  
'Quem chegou?'

### 2.1.7 Interrogativos

Em Mebêngôkre há uma diversidade de marcadores interrogativos, porém, esse não é o foco deste trabalho. Abaixo um dos interrogativos encontrados, o marcador genérico indicativo de pergunta *djãm* e *my□j* para *o que* ou *qual*:

79. Djãm ne Me nire ku'õ  
 INT NF HUM v.  
 FEM lavar  
 'A mulher lavou?'

80. My□j na  
 (ne+jã)  
 INT NF+DEM  
 'O que é?'

### 2.1.8 Pronome reflexivo

A forma reflexiva na língua é marcada pela presença do morfema *ami□*. Exemplos:

81. Me 'i nire ne tã ami□ 'òk  
 HUM FEM NF DEM REF v.pintar  
 IN  
 'Alguma mulher se pintou'

82. Ba ne ami Me iny□x-kam-angà ipêx  
 ba  
 1 NF REF HUM pulso-POS-  
 1 miçanga v.  
 'Eu fiz pulseira para mim mesma'

### 2.1.9 Pronome recíproco

Já a forma recíproca é marcada pela presença do morfema *abẽn*. Exemplo:



## 2.2 OS PRONOMES PESSOAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Os pronomes pessoais do Mebêngôkre merecem destaque, já que se organizam de forma complexa e estão diretamente ligados ao alinhamento morfossintático da língua que segue o padrão Ergativo-Absolutivo<sup>5</sup>.

Segundo Reis Silva (2001, p. 39), o Caso não é morfologicamente expresso nos nomes, mas é visível no sistema pronominal, que distingue formalmente três formas pronominais com propriedades distribucionais distintas. “Eles estão agrupados em: pronomes livres, formas presas e formas ergativas”. No quadro adaptado abaixo estão os pronomes livres e presos do Mebêngôkre descritos pela pesquisadora:

Quadro 2 - Pronomes (livres e presos)

|                | Forma livre | Forma presa |
|----------------|-------------|-------------|
| 1 SG           | Ba          | i-          |
| 1+2 (1PL/INCI) | gu          | Gu ba-      |
| 2 SG           | Ga          | a-          |
| 3 SG           | Ø           | Ø-          |

Fonte: Reis Silva (2001)

Os pronomes livres, quando seguidos da partícula **ari**, indicam referente paucal. Quando seguidos pela partícula **me** indicam referente plural. Silva (2001, p. 40) faz a seguinte descrição da distribuição dos pronomes livres e das partículas paucal e plural:

A forma **gu** carrega o traço inclusividade já que as formas paucal e plural da primeira pessoa inclusiva, **guaj** e **gu me** respectivamente, são formadas a partir de **gu**. A 1ª pessoa exclusiva é formada pelo **ba**, seguida das marcas de número. A terceira pessoa é, em geral, expressa por Ø

Na tabela abaixo, extraído da dissertação de Silva (2001) estão os pronomes livres na língua Mebêngôkre:

<sup>5</sup> O Mebêngôkre é descrito por Reis Silva (2001) como uma língua parcialmente ergativa. Por meio de seu sistema de concordância pronominal, exhibe traços característicos ora de um padrão Acusativo, ora de um padrão Ergativo.

Quadro 3 - Pronomes livres em Mebêngôkre

(49)

| PRONOMES LIVRES |          |        |        |
|-----------------|----------|--------|--------|
|                 | SINGULAR | PAUCAL | PLURAL |
| 1               | ba       | ba ari | ba mē  |
| 1+2             | gu       | guaj   | gu mē  |
| 2               | ga       | ga ari | ga mē  |
| 3               | ∅        | ari    | mē     |

Fonte: Reis Silva (2001)

Já os pronomes presos podem ser descritos da seguinte forma:

A 1ª e a 2ª pessoas, *i-* e *a-*, respectivamente, são prefixos. A 1ª dual e paucal inclusiva são formas compostas a partir dos pronomes livres **gu** e **guaj** seguidos pelo prefixo **ba-**, homófono do pronome livre de 1ª. (SILVA, 2001, p. 42)

Nestas formas pronominais, **ba-** funciona como os prefixos de 1ª e 2ª pessoas, mas não pode ocorrer sem sua contraparte **gu** e **guaj**: uma frase como:

84. \*□        ba-  
              tatak  
\*3        1-v.  
              bater  
‘\*Ele nos bateu’

Não pode ser dita, mas sim da seguinte forma:

85. Gwaj/Gu        ba-  
                      tatak  
1+2+3/1+2        1-v.  
                      bater  
‘Nós batemos’

Ela destaca também que:

Com a 1ª pessoa inclusiva plural, *gu* parece ser opcional, mas se ele ocorre, deve preceder a marca de número que é seguida da forma presa *ba-*. Do

mesmo modo, as marcas de número precedem a 1ª pessoa exclusiva codificada pelo prefixo i-. A terceira pessoa é  $\emptyset$  (SILVA, 2001, p. 43).

Abaixo os pronomes presos descritos pela pesquisadora:

Quadro 4 - Pronomes presos em Mebêngôkre (Kayapó)

(50)

| PRONOMES PRESOS |                   |           |             |
|-----------------|-------------------|-----------|-------------|
|                 | SINGULAR          | PAUCAL    | PLURAL      |
| 1               | i-                | ari i-    | mẽ i-       |
| 1+2             | gu ba-            | guaj ba-  | (gu) mẽ ba- |
| 2               | a-                | ari a-    | mẽ a-       |
| 3               | $\emptyset$ ~ ku- | ari (ku-) | mẽ (ku-)    |

Fonte: Reis Silva (2001)

### 2.3 A TERCEIRA PESSOA EM MEBÊNGÔKRE

Nos estudos sobre as pessoas do discurso, vários autores apontam diferenças entre a primeira e a segunda pessoa com relação à terceira pessoa. Benveniste (1976 e 1995), rompendo com os postulados clássicos que afirmavam que na tríade eu, tu e ele/a, a terceira pessoa (ele/a) é aquela “que fala” ou “de quem se fala”, afirma que a terceira é a “não pessoa”.

No Mebêngôkre, a terceira pessoa apresenta características diferenciadas se comparada a primeira, o que dificulta sua análise. (SILVA, 2001, p. 40) afirma que a terceira pessoa geralmente é  $\square$  (ausência / morfema zero) para os pronomes livres e presos. Contudo, no que diz respeito aos pronomes livres, destaca que em contextos “em que a terceira pessoa está à vista do falante há as formas dêiticas **tawã**, **tam já** que são compostas pela forma anafórica **tã** mais os pronomes demonstrativos **wã** e **jã**”. Enquanto **tawã** é usado para fazer referência a alguém que está longe, **tam já** faz referência a alguém perto do falante. A forma anafórica **tã** é usada para mencionar alguém que está envolvido no diálogo.

No caso dos pronomes presos, em que a terceira pessoa também é  $\square$ , Silva (2001) identifica, para a terceira pessoa objeto, uma forma prefixal **ku-** que possui propriedades bem particulares quando comparada com a primeira e a segunda pessoa. Na “concordância de objeto”, a autora desenvolve sua análise da forma **ku-** sugerindo sua relação com o sistema de caso:

Apesar de que seja necessária ainda uma investigação mais cuidadosa dessas estruturas, o contraste nos permite pensar, com base na discussão feita aqui, sobre natureza diacrônica do morfema *ku* sua relação com o sistema de Caso da língua. (SILVA, 2001, p. 58)

Por outro lado, Borges (1995 *apud* SILVA 2001) em seu estudo da língua Mebêngôkre, analisa **tã** como uma forma pronominal reflexiva, seguindo a análise de Rodrigues (1986) da 3<sup>a</sup> pessoa em línguas do Tronco Macro-Jê. Já Costa (2015) em sua análise do sistema pronominal do Xikrin, afirma que a terceira pessoa é codificada pela forma **tã**, não considerando, portanto, esse elemento como uma “forma anafórica”. Já a forma **ku-** (terceira pessoa/objeto) é analisada por Costa (2015) como alomorfe do prefixo relacional R, que se distribui junto verbos transitivos e posposições.

O sistema pronominal do Xikrin, de acordo com Costa (2015), pode ser classificado como: i) pronomes da série I ou *nominativa*<sup>6</sup>: são morfemas livres, que funcionam como argumento externo de verbo transitivo e argumento interno de verbos intransitivo, e ii) pronomes da série II ou *absolutiva*<sup>7</sup>: são formas dependentes e funcionam como determinante de nomes, complemento de posposições e argumento interno de verbo intransitivo modificado por expressão adverbial. O quadro abaixo ilustra essa classificação:

---

6 Um padrão nominativo-absolutivo ocorre nas orações com núcleo verbal processual (CABRAL, RODRIGUES e COSTA [2001] 2003; COSTA). Considera-se, por hipótese, que todas as orações no padrão ergativo tem em comum o fato de serem orações nominalizadas. Mais ainda, esse padrão ocorre inseparavelmente, com base nos dados aqui apresentados, com o verbo não-finito que é uma forma nominalizada. Esses padrões são orientados por um sistema de switch-reference (ou referência alternada), que sinaliza por meio de diferentes estratégias morfossintáticas quando o referente de um argumento A, S ou O de uma oração dependente é correferente ou não com um argumento da oração principal.

7 Um padrão ergativo-absolutivo ocorre nas situações em que uma oração tem como núcleo uma forma nominalizada de um verbo – em função de adjetivo, de substantivo, de advérbio (CABRAL, RODRIGUES e COSTA [2001] 2003; COSTA 2003).

Quadro 5 - Classificação dos pronomes pessoais em Xikrin

|                                     |    |       |
|-------------------------------------|----|-------|
| 1 <sup>a</sup> p                    | Ba | i-    |
| 1 <sup>a</sup> p + 2 <sup>a</sup> p | Gu | Guba- |
| 2 <sup>a</sup> p                    | Ga | a-    |
| 3 <sup>a</sup> p                    | Tã | tã    |

Fonte: Costa (2015)

Assumimos nessa pesquisa, que os marcadores de terceira pessoa (pronome/prefixo) são codificados por  $\square$ - e, que o prefixo **ku-** é um relacional que marca a não adjacência entre o núcleo e seu complemento/determinante, conforme sugestão de Costa (2015).

Assim, no Mebêngôkre, as funções desempenhadas pelos pronomes livres são de sujeito de verbos transitivos e intransitivos. Neste alinhamento, seguem o padrão nominativo. Já os pronomes presos desempenham as funções de: i) sujeitos de nomes em função predicativa e de ii) sujeitos de verbos intransitivos (modificados por circunstanciais), iii) objetos de verbos transitivos, iv) possuidores em estruturas genitivas, e v) complementos de posposição. O fato de nos verbos serem expressos apenas o objeto e o sujeito do verbo intransitivo indica que a língua segue o padrão ergativo-absolutivo no que se refere a escolha dos prefixos. Os dados a seguir, extraídos da dissertação da pesquisa de Mello (2018), ilustram os padrões de alinhamento:

#### Pronomes livres:

86. Ba  $\square$   
 1SG v.  
 ir  
 'Eu vou'
87. Ga ne ga ne kaprãn  $\square$ -kre $\square$   
 2SG NF NF jabuti 3- v.  
 2SG comer  
 'Você come/comeu jabuti'
88. Tãwã ne kaprãn  $\square$ -kre $\square$   
 3SG NF jabuti 3- v.  
 comer  
 'Ele come/comeu jabuti'



Quadro 6 - Pronomes Ergativos em Mebêngôkre

(51) PRONOMES ERGATIVOS

|     | SINGULAR | PAUCAL   | PLURAL       |
|-----|----------|----------|--------------|
| 1   | ije      | ari ije  | mê ije       |
| 1+2 | gu bajε  | guaj ba  | (gu) mê bajε |
| 2   | aje      | ari aje  | mê aje       |
| 3   | kute     | ari kute | mê kute      |

Fonte: Reis Silva (2001)

## Exemplos:

95. i-je                    a-kapreprek                    kêt  
 1SG-                    2SG-ABS-                    NEG  
 ERG                    bater  
 'Eu não bati em você'
96. i-je                    a-pumu□                    kadjy  
 1SG-                    2SG-ACC-                    PROP  
 ERG                    ver  
 'Para eu ver você'
97. a-ngrere                    kêt  
 2SG-ABS-                    NEG  
 cantar  
 'Você não canta'
98. i-je                    Me                    djwy□ponh                    nōrō                    kêt  
                               prire  
 1SG-                    criança                    bolacha                    v. dar                    NEG  
 ERG  
 'Eu não dei bolacha para as crianças'
99. Vicente                    kute                    mari                    kêt  
 Vicente                    3SG-                    saber                    NEG  
                               ERG  
 'Vicente não sabe/entendeu'
100. Ari                    i-bê                    tep                    inhi                    djwy□nh

|                        |     |       |      |        |
|------------------------|-----|-------|------|--------|
| Pauc                   | 1±3 | peixe | nome | função |
| 'Nós somos pescadores' |     |       |      |        |

No sistema ergativo, os pronomes do quadro acima expressam os sujeitos das construções transitivas, enquanto os sujeitos e os objetos são expressos pela série de pronomes presos. Embora os pronomes ergativos sejam palavras independentes, eles mostram um comportamento que os aproxima das formas presas. Do mesmo modo que estas, não podem ser duplicados. Para enfatizá-los, duplicam-se os pronomes livres, os quais podem concorrer com os pronomes ergativos como mostraremos nos exemplos<sup>8</sup> (101) e (102) a seguir:

|      |                              |     |            |            |     |
|------|------------------------------|-----|------------|------------|-----|
| 101. | A-je                         | i-  | j-         | ajte□k     | kêt |
|      | 2SG-                         | 1SG | -          | pintura do | NEG |
|      | ERG                          |     | afix.verb- | rosto      |     |
|      | 'Você não me pintou o rosto' |     |            |            |     |
|      |                              |     |            |            |     |
| 102. | Kute                         | i-  | j-         | ajte□k     | kêt |
|      | 3SG-                         | 1SG | -          | pintura do | NEG |
|      | ERG                          |     | afix.verb- | rosto      |     |
|      | 'Ele não me pintou o rosto'  |     |            |            |     |

## 2.4 TIPOS DE SINTAGMAS NOMINAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

A proposta de Scalise (1986) sobre a formação de palavras foi utilizada nessa pesquisa para a descrição da língua Mebêngôkre. Com base no critério morfológico apresentado por ela para as línguas naturais, observamos que os nomes em Mebêngôkre poderiam ser constituídos por nomes simples e nomes com mais de um morfema lexical. Em Borges (1996) encontramos as seguintes definições:

a) Nomes constituídos por apenas um morfema e que podem ocorrer como o único constituinte do sintagma. Estes SNs não possuem fronteira interna, ou seja, são indivisíveis. Exemplos:

---

<sup>8</sup> Exemplos extraídos da dissertação de mestrado da autora Menezes (2018) sobre as Classes Lexicais e Funcionais da Língua Mebêngôkre.

103. Ba  
1SG  
'Eu'
104. Ga  
2SG  
'Você'
105. Mrũm  
'Formiga'
106. Ngô  
'Água'

Há nomes em Mebêngôkre que aceitam ou não os afixos existentes na língua de acordo com sua categorização gramatical, por exemplo, sufixos de aumentativo [-ti] e diminutivo [-re], como é mostrado nos exemplos a seguir:

107. Bri  
'Sapo'
108. Bri-ti  
Sapo-  
AUM  
'Sapão'
109. Bri-re  
Sapo-  
DIM  
'Sapinho'
110. Mrũm-ti  
Formiga-  
AUM  
'Formigão'
111. Mrũm ngrite-re  
Formiga pequeno-  
DIM  
'Formiguinha'

b) Em nomes constituídos por mais de um morfema lexical o morfema [Me] constitui uma forma livre enquanto [-re] não. Veja os exemplos abaixo:

112. Me ni-re  
HUM fêmea-DIM  
'Mulher (Mebêngôkre)'

113. Me pri-re  
HUM criança-DIM  
'Criança (Mebêngôkre)'

Os nomes compostos são formados através da justaposição de duas ou mais unidades lexicais, obtendo-se, desta forma, um novo nome. Como evidência podemos citar o fato de o acento das duas unidades lexicais alterar-se (já que ele recai na segunda palavra). Somado a isto nenhum outro elemento pode ser interposto entre elas.

114. Kube-nire  
'Mulher não-indígena'

115. Kuben  
'Homem branco'

116. Kube□jaê  
Rede de dormir  
Kuben (não-indígena) + jaê (pendurar)

Os nomes são palavras que podem ser constituídas das três maneiras, ou seja, são constituídas:

I) Ou por um único morfema:

117. Ropre  
'cachorro'

II) Ou um radical mais afixos derivacionais:

118. Tyrti  
'banana'

III) Ou ainda por mais de um morfema lexical:

119. Me my  
'homem'

120. Me tor  
'festa'

Os nomes podem ocorrer como núcleo do sintagma nominal. Exemplos:

121. i-nã **Me** tor  
1SG-□-mãe Plur v.dançar  
'minha mãe dançou'

122. Rop krore **ne** nōrō  
onça pintada NF dormir  
'a onça pintada dormiu'

Na língua Mebêngôkre os SNs estão dispostos na sentença da seguinte maneira: Nomes, Adjetivos e Determinantes (onde podemos chamar aqui de (NAD)).

Os sintagmas nominais ocorrem com adjetivos (SAdj), demonstrativos e sintagmas pós-posicionais (SPs) exercem as funções de sujeito, objeto, adjunto e predicados. Tanto os elementos funcionais, como os demonstrativos, quanto os lexicais que exercem a função de adjuntos, como os SAdj e SPs, ocorrem à direita do núcleo do SN. O determinante se posiciona como o elemento mais à direita do sintagma, como mostram os exemplos a seguir e sua distribuição dentro das sentenças abaixo:

123. Me nire      mex      jã  
HUM      bonita      DEM  
fêmea  
'Essa menina bela'

124. Me      mex      kumre□x      wã  
my  
HUM      bom      muito      DEM  
macho  
'Aquele menino muito bonito'

125. I-djwa      tokry      jã

1SG-□- dor DEM  
dente

'Essa dor do meu dente'

126. Tep kamrêk tãwã

Peixe vermelho □-  
3SG

'O peixe vermelho dele'

Morfologicamente os nomes em Mebêngôkre apresentam os seguintes elementos:

#### 2.4.1 Os Determinantes

Os Artigos Definidos e Indefinidos na Língua Mebêngôkre não são apresentados na sua estrutura sintática, como mostra os dados a seguir, apesar de não existir esta classe variável nessa língua, ela ainda não é expressada, e, portanto, não existem diferença entre os nomes definidos e indefinidos, porém, ainda pode ser observar a presença da classe fechada de pronomes demonstrativos como exemplifica o quadro e os dados abaixo:

Quadro 7 - Os pronomes demonstrativos em Mebêngôkre (Kayapó)

| Pronomes demonstrativos | Tradução               |
|-------------------------|------------------------|
| jã                      | Este, esta, isto       |
| wã                      | Aquele, aquela, aquilo |
| ari já                  | Esses, essas, isso     |

Fonte: Menezes (2018)

Exemplos:

127. Ba ne ba i-mã kàx ki□n  
 1SG NF 1SG-DAT faca v.  
 1SG DAT querer  
 ‘Eu quero uma faca’
128. Ba ne ba i-mã kam kàx pydji ki□n  
 1SG NF 1SG-DAT LOC faca um v.  
 1SG DAT (numeral) querer  
 ‘Eu quero uma (numeral) faca’
129. Me prire ne pyka bê ty□m  
 HUM NF terra Ess. v.  
 pequeno cair  
 ‘A criança caiu no chão’  
 ‘Crianças caíram no  
 chão’
130. Me prire ne pyka pydji bê ty□m  
 HUM NF terra um Ess. v.  
 pequeno (numeral) cair  
 ‘Uma criança caiu no  
 chão’
131. Kàx wã  
 Cesta DEM  
 ‘Aquele  
 cesta’
132. Kàx jã  
 Cesta DEM  
 ‘Esta/essa  
 cesta’
133. Tep wã  
 Peixe DEM  
 ‘Aquele  
 peixe’

134. Tep      *jã*  
 Peixe    DEM  
 'Este/esse  
 peixe'
135. Me nire      *wã*  
 HUM          DEM  
 fêmea  
 'Aquele mulher'
136. Me nire      *jã*  
 HUM          DEM  
 fêmea  
 'Esta/essa  
 mulher'
137. Me bejêt      *wã*  
 HUM          DEM  
 velho  
 'Aquele velho'  
 'Aqueles velhos'
138. Me bejêt      *jã*  
 HUM          DEM  
 velho  
 'Este velho'  
 'Estes velhos'
139. Me bejêt      ari *jã*  
 HUM          Quant.  
 velho          DEM  
 'Esses velhos'

Na língua, observa-se que *jã* é utilizado para demonstrar um referente próximo do falante ou para determinar algo mais saliente no contexto. Já o demonstrativo *wã* expressa as mesmas características, mas para um referente mais distante do falante ou em um período anterior de tempo.

## 2.5 OS QUANTIFICADORES EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Segundo Vieira (2021, p. 80), “todas as línguas naturais possuem meios para codificar diversas noções quantificacionais”, o difere é a natureza gramatical das expressões quantificadoras. Nos dados coletados, constatou-se que em Mebêngôkre há um quantificador universal, expresso pelo modificador *kuni*□ e a partícula *õ* que associa-se a diversos nomes para gerar a interpretação de indefinido<sup>9</sup> na língua.

(i) Todos / todas:

140. Mebêngôkre    *kuni*□

Mebêngôkre    todos

‘Todos os  
Mebêngôkre’

‘Os Mebêngôkre  
todos’

141. Me prire        *kuni*□

Crianças        todas

‘Todas crianças’

‘Todas as  
crianças’

142. Tep wã         *kuni*□

Peixei            todos  
DEM

‘Todos aqueles  
peixes’

143.    *Kuni*□            tep wã

---

<sup>9</sup> Veja Mendonça Junior (2022) sobre (in)definitude em Mebêngôkre.

Todos peixe  
DEM  
'Aqueles peixes todos'

144. Me nire wã  
kuni□  
Mulheres DEM  
todas

'Todas aquelas  
mulheres'

'Aqueles mulheres  
todas'

(ii) Algum / alguns / alguma / algumas:

145. Mÿjja ã  
Coisa IN  
'Alguma coisa'

146. Me ã me kwy□  
HUM IN HUM  
parte  
'Parte de alguma  
pessoa'  
'Alguma pessoa'

147. Me ã  
HUM IN  
'Alguma pessoa  
(alguém)'

148. Kangã ã kwy□  
Cobra IN parte  
'Alguma cobra / algumas  
cobras'

149. Pì'ôk ã  
kapri□ kwy□

- |      |                  |       |   |
|------|------------------|-------|---|
|      | Dinheiro         | IN    |   |
|      |                  | parte |   |
|      | 'Algum dinheiro' |       |   |
| 150. | Õbikwa           | õ     |   |
|      |                  | kwy   | □ |
|      | Amigo            | IN    |   |
|      |                  | parte |   |
|      | 'Algum amigo'    |       |   |
|      | 'Alguns amigos'  |       |   |

O sentido de outro é expresso pelo nome 'õdjwy nas sentenças:

(iii) Outro / outros / outra / outras:

- |      |                          |        |       |
|------|--------------------------|--------|-------|
| 151. | Me                       | 'õdjwy |       |
|      | bôktire                  |        |       |
|      | Menino                   | outro  |       |
|      | 'Um outro menino'        |        |       |
|      | 'Uns outros              |        |       |
|      | meninos'                 |        |       |
|      | 'Outro menino'           |        |       |
| 152. | Me                       | õdjwy  | ne wã |
|      | bôktire                  |        |       |
|      | Menino                   | outro  | NF    |
|      |                          |        | DEM   |
|      | 'Aquele outro menino'    |        |       |
|      | 'Aqueles outros meninos' |        |       |

Os modificadores *kumex*, *rax* e *krãti*, em posição pós-nominal, expressam a noção de **muito** ou **muitos** na sentença, determinando que há mais de dois ou três elementos no contexto.

iii) Muito / muita / muitos / muitas<sup>10</sup>:

<sup>10</sup> Um ponto a ser pesquisado são os nomes contáveis e massivos em Mebêngôkre (Kayapó). Este não é o foco dessa pesquisa, mas espera-se que os dados possam contribuir para futuros estudos

153. Kax kumex

Cesta muito

'Muitas cestas'

154. Tep kumex

Peixe muito

'Muitos peixes'

155. Pi'ók rax  
kapri□

Dinheiro muito

'Muito dinheiro'

156. Djwy□ngrã krāti

Farinha muito

'Muita farinha'

157. Ngô krāti

Água muita

'Muita água'

O sentido para nenhum elemento disponível no contexto é expresso pela associação da partícula de indefinido *õ* à negação *kêt*.

(iv) Nenhum / nenhuma:

158. Mebêngôkre õ kêt

Mebêngôkre IN  
NEG

'Nenhum  
Mebêngôkre'

159. Piôkjare□nhdjwy□nh õ kêt

Professor(a)            IN  
                                   NEG  
 'Nenhum(a) professor(a)'

160. Ngô      ã kêt  
 Água      IN  
                   NEG  
 'Nenhuma  
 água'

## 2.6 OS MODIFICADORES EM MEBÊNGÔKRE

Quanto aos modificadores em Mebêngôkre, podemos constatar que a função de adjetivo é realizada por um nome em posição pós-nominal. Entretanto, compreender as propriedades e a distribuição desses modificadores na língua e determinar se há uma classe de adjetivos demandaria uma pesquisa mais aprofundada. Por enquanto, podemos destacar alguns exemplos coletados nesse estudo:

(i) Os adjetivos:

161. Kikre            ne  
       pydji            rax  
  
 Casa uma      NF AUM  
 'Uma (numeral) casa  
 grande'

162. Me                wã ne  
       pri□tire        prêkti  
 Menina        DEM NF  
                       alta  
 'Aquele menina alta'

163. Me prire        kuni□ngrire

Crianças todos DIM

'Todas as crianças  
pequenas'

164. Õdjwꞑ Me õ my ꞑꞑ

Outro HUM IN macho  
gordo

'Outro homem gordo'

165. Tyryti õ nep kêt

Banana IN madura  
NEG

'Nenhuma banana  
madura'

Alguns exemplos de Sintagmas Pósposicionados foram coletados na língua:

(ii) Os sintagmas SPs:

166. Me kamrêk Me  
priꞑtire õkredjê

Menina vermelho colar

'A menina de colar vermelho'

167. Kukônhre amy ngreri wã

Macaco rabo DIM DEM

'Aquele macaco de rabo  
curto'

168. Rop amak abatành

Cachorro orelha AUM

'Um cachorro de orelhas  
grandes'

169. Pĩõkjareꞑnhdjwꞑnh nokamixê

Professor(a) óculos

'A professora de óculos'

(iii) Adjetivos e/ou SPs:

170. Pĩókjare□nhdjwy□nh prêktire nokamixê  
Professor(a) AUM óculos

'Uma professora alta de óculos'

171. Me ĩp□ kakre□nh  
bengêť  
HUM gordo cocar  
velho

'Um velho gordo de cocar'

172. I-kra prêkti ne wã  
1SG-filho alto NF  
DEM

'Aqueles meus filhos altos'

173. A-nhõ kàx kuni□ rax  
2SG-POSS faca todos  
AUM

'Todas as suas facas grandes'

## 2.7 OS NOMES DEVERBAIS / NOMINALIZAÇÃO

Salanova (2001) em seu artigo que trata sobre uma análise unificadas nas construções ergativas do Mebêngôkre nos diz que: a função arquetípica dos substantivos é a de serem núcleos de expressões referenciais, isto é, de sintagmas nominais. Em Mebêngokre, de fato, apenas os substantivos, sejam eles básicos ou derivados de verbos, podem ocupar esta função. Não há expressões referenciais que contenham verbos finitos.

Morfologicamente, há dois tipos de substantivo em Mebêngôkre: aqueles que são inerentemente relacionais, e aqueles que não. Os substantivos inerentemente

relacionais requerem sempre a expressão de um argumento. Este argumento vem marcado no caso absolutivo (poderíamos, por que não, também chamar este caso de genitivo, se quisermos realçar o aspecto nominal da construção, mas em todo caso trata-se de uma única categoria de caso), e em geral é o possuidor numa relação de posse inalienável, o todo do qual faz parte a noção expressada pelo núcleo etc. Nos substantivos deverbais, este argumento é o equivalente do argumento único dos verbos intransitivos, ou do objeto dos verbos transitivos, como nos exemplos:

174. a. i-pa                      b. i-prõ  
       1ps-braço                1ps-esposa ‘meu  
       braço’                    ‘minha esposa’

175. a. i-têm                    b. i-pumũn  
       1ps-ir.N                   1ps-ver.N  
       ‘minha ida’                ‘me verem’

Ainda sobre os deverbais/ nominalização SALANOVA, (2001) diz que:

O que chamamos de nominalizações léxicas são itens lexicais formados a partir de verbos que geralmente se referem a instrumentos ou agentes relacionados à atividade descrita pela raiz. A maioria dos neologismos em Mëbêngôkre tomam esta forma. Expressões deste tipo geralmente adquirem sentidos convencionais mais específicos, mas a sua composição semântica é em quase todos os casos perfeitamente transparente.

Os enclíticos *djà* e *djwy*nh são usados para nominalizações de lugar, tempo, ou instrumento, e de agente, respectivamente. As nominalizações de tema em geral não levam sufixo algum.

Consideramos que *djà* e *djwy*nh não devem ser tratados como morfemas derivacionais, senão como versões semanticamente esvaziadas dos substantivos “recipiente” e “dono”, respectivamente. Em primeiro lugar, eles se juntam a um.

Observe os exemplos trazidos por Salanova (2001, p. 38) na língua Mëbêngôkre:

|      |    |                                              |                       |
|------|----|----------------------------------------------|-----------------------|
| (11) | a. | karer=dʒʌ<br>capinar.N=dʒʌ                   | ‘enxada’              |
|      | b. | katɔr=dʒʌ<br>sair.N=dʒʌ                      | ‘lugar de nascimento’ |
|      | c. | tēm=dʒʌ<br>ir.N=dʒʌ                          | ‘data de partida’     |
|      | d. | piʔok jakrɛ=dʒwɤj<br>escrita indicar.N=dʒwɤj | ‘professor’           |
|      | e. | mē beje<br>PL prender.N                      | ‘prisioneiros’        |
|      | f. | u-jarêɲ<br>ANTIPASS-dizer.N                  | ‘relato’              |

Salanova (2001, p. 38)

176. Ipêx -> ? -> mepykanhipendjwɤnh  
Construir -> construção -> construtor

177. Mry jabejê -> ? -> mryjabêjedjwynh  
Caça-> caçada -> caçador

178. Ngrer -> ? -> ngrermedjwynh  
Cantar-> canção -> cantor

179. Tor -> me tor -> Me tordjwynh  
Dançar-> dança-> dançarino

180. kubĩn -> ? -> Bindjwynh  
Matar-> matança -> matador

## 2.8 O ESTATUTO CATEGORIAL DOS DETERMINANTES: DEMONSTRATIVOS E QUANTIFICADORES

Existem diferenças de posição entre as palavras que expressam noções de quantificação, como se nota nos exemplos a seguir. “Pouco” em (iii) é um adjetivo:

- (i) Menire **kuni** ‘Todas as mulheres’
- (ii) **Me’ õ** my ‘Alguns homens’
- (iii) Me **ngrire** ‘Pouca gente’

Diante dos dados coletados, uma pergunta a ser feita e demandaria mais tempo para uma resposta conclusiva: Como fica a diferença entre os dados abaixo?

181. Kangã já ne pyma  
Cobra DEM NF medo  
‘Cobras são perigosas’
182. Kangã já ne pymare  
Cobra DEM NF medo  
‘As cobras são perigosas’
183. Kangã wã ne pymare  
Cobra DEM NF medo  
‘Aqueles cobras são perigosas’
184. Tu õ ne pymare  
ka  
ngã  
Qualquer IN NF medo  
cobra  
‘Algumas cobras são perigosas’
185. Kangã õ pydji ne pymare  
Cobra DEM um NF medo  
‘Umas (numeral) cobras são perigosas’
186. Kangã kuni□ ne pymare  
Cobra todos NF medo  
‘Todas as cobras são perigosas’
187. Kangã wã kuni□ ne pymare  
Cobra DEM todos NF medo  
‘Todas aquelas cobras são perigosas’
188. Kangã õ ne pyma  
kêt  
Cobra IN NF medo  
NEG  
‘Nenhuma cobra é perigosa’

189. Kangã krãti ne pyma  
Cobra QUANT NF medo  
'Muitas cobras são perigosas'
190. Kangã krãti ne axwe pyma  
Cobra QUANT NF MOV medo  
'Muitas cobras são perigosas'
191. Kangã òdjwy ne pyma  
Cobra QUANT NF medo  
'Outras cobras são perigosas'
192. Kangã òdjwy krãti ne pyma  
Cobra QUANT QUANT NF medo  
'Muitas outras cobras são perigosas'

## 2.9 OS NUMERAIS EM MEBÊNGÔKRE (KAYAPÓ)

Em Mebêngôkre a quantificação pode ser expressa através de numerais e cardinais. Na língua, pelas observações realizadas, há nomes para um, dois, três, quatro e cinco. Entretanto, o falante, geralmente, realiza a contagem até três elementos salientes no contexto e, qualquer unidade a mais passa-se para o modificador *kumex* (muitos). Quando não é realizada a contagem, mas sabe-se que a quantidade disponível é menor que 04, diz-se *ari* ou um 'pouco específico'. Exemplos:

193. Pydji  
Um  
'Um  
(numeral)'
194. Kà pydji  
Barco um  
'Um (numeral)  
barco'
195. Kà amajkryt  
Barco dois  
'Dois barcos'
196. Kà amajkryt

- Barco dois  
'Dois barcos'
197. Kà amajkryt ne  
ikjêtkê  
Barco três  
'Três barcos'
198. Kà amajkryt ne  
amajkryt  
Barco quatro  
'Quatro barcos'
199. Kà amajkryt ne amajkryt ne  
ikjêtkê  
Barco cinco  
'Cinco barcos'
200. Kà wã amajkryt ne ikjê  
kê  
Barco DEM três  
'Aqueles três barcos'
201. Kà wã kuni□ ne amajkryt ne  
ikjêtkê  
Barco DEM todos NF três  
'Todos aqueles três barcos'
202. Kà kuni□ ne amajkryt  
Barco todos NF dois  
'Todos os dois barcos'
203. Kà kuni□ ne amajkryt  
Barco todos NF dois  
'Todos os dois barcos'
204. Kà amajkryt ne kubê a-nhõ  
Barco dois NF Ess. 2SG-  
POSS  
'Todos aqueles seus dois barcos'
205. I-□-kra ne amajkryt  
1SG - NF dois  
filho  
'Os meus dois filhos'

206. I-□- ne ngrire amajkryt ne ki□n já bjê  
kra  
1SG- NF DIM dois CONJ cabelo DEM ?  
filho  
'Os meus dois filhos pequenos de cabelos  
curtos'
207. Me prire pydji ne  
ty□x  
HUM um NF  
pequeno forte  
'Uma (numeral) criança  
forte'
208. Kikre ngrire já ne aka  
Casa DIM DEM branca  
'Esta casinha branca'
209. Kàx ngrire tykre wã ne kubê i-bãm □-nhõ  
Faca DIM preto DEM CONJ Ess. 1SG- 3SG-  
POSS-pai POSS  
'Aquela faquinha preta do meu pai'
210. I-nhõ kube□jaêt wã ne ojkadjô  
1SG- rede DEM NF rasgada  
POSS  
'Aquela minha redinha  
rasgada'
211. I-□-nã nhõ kube□jaêt wã ne ojkadjô  
1SG- POSS rede DEM NF rasgada  
POSS-mãe  
'Aquela rede rasgada da minha  
mãe'

Estes são os exemplos dos numerais em Mebêngôkre (Kayapó).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou descrever os sintagmas nominais em Mebêngôkre quanto às suas características morfológicas, sintáticas e semânticas. No primeiro capítulo verificamos os principais estudos sobre a língua ao longo dos séculos, além das pesquisas recentes no campo da linguística. Na segunda parte, apresentou-se relato das experiências na educação escolar indígena e as observações realizadas que motivaram o desenvolvimento desse estudo. Seguidos pela descrição da metodologia adotada com base em entrevistas e a aplicação de questionários já consagrados nas pesquisas sobre línguas indígenas, desenvolvidas por Vieira (1995, 2021) sobre a família tupi-guarani. A terceira e, mais extensa parte, é um capítulo com as análises e resultados obtidos no trabalho. Verificamos que os nomes em Mebêngôkre não variam para número ou gênero. O uso de afixos é utilizado para a marcação de pessoa com ênfase à distinção entre nomes alienáveis e inalienáveis de acordo com a cultura Mebêngôkre. O uso de demonstrativos é evidente quando o falante deseja destacar um elemento saliente no contexto, com conseguinte determinação no nome. Não há artigos definidos ou indefinidos, a língua possui uma variedade de nomes indefinidos interpretados através da associação de partículas e nomes em posições estratégicas na sentença. O mesmo elemento pode significar diferentes sentidos de acordo com o nome em que se associa. Quanto aos pronomes, há uma diversidade em Mebêngôkre, com destaque à diferença entre a primeira pessoa do plural (inclusivo, exclusivo, paucal). Para a categorização de uma classe de adjetivos é necessário um estudo mais aprofundado. Espera-se que os dados apresentados possam contribuir com futuros estudos sobre a língua. Na classe de numerais, a língua possui números cardinais bem definidos até cinco, a preferência é pela contagem de até três unidades, em seguida pela multiplicidade.

Os dados obtidos poderão auxiliar na produção de uma gramática para ensino da língua nas escolas municipais de São Félix do Xingu, uma vez que, a língua é cooficial e não há uma variedade de livros especializados na área até o momento. Os nomes em Mebêngôkre poderão ser ensinados quanto à propriedade, natureza e distribuição na língua, tanto para falantes quanto para aqueles que desejam aprender como um segundo idioma. Espera-se que essa pesquisa não apenas motive o

conhecimento sobre a língua indígena, mas também valorize o povo e a cultura, fortalecendo as comunidades Mebêngôkre na região amazônica.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO FLORESTA PROTEGIDA. Disponível em: <<http://florestaprotegida.org.br/>>. Acesso em: mar. 2020
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**, Vol. I, Paris: Gallimard, 1966.
- BORGES, M. **Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó**. Dissertação de Mestrado. Brasília, UNB, 1995.
- BOSWOOD, Joan. **Quer falar a língua dos canoeiros? Rikbaktsa em 26 lições**. (Edição Online) Associação Internacional de Linguística–SIL, Cuiabá, 2007. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/RKGram.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2011.
- BOSWOOD, Joan.. Evidências Para a Inclusão do Aripaktsa no Filo Macro-Jê. Série Linguística, **Associação Internacional de Linguística – SIL**, Anápolis, n. 1, p. 67-78, 1973. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/AKMcJe.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2020.
- CABRAL, A. S.; RODRIGUES, A. D.; COSTA, L. da. Notas sobre ergatividade em Xikrín, **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, n. 4, p. 21-28, 2003.
- CABRAL, A. S. A. C. **Prefixos Relacionais na Família Tupí-Guaraní**. In: M.E. (Org.). **BOLETIM DA ABRALIN**. FORTALEZA: IMPRENSA UNIVERSITÁRIA/UFC, N O 25, P. 213-226, 2001.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem**. In: Enciclopédia Einaudi: Linguagem Enunciação. Lisboa: Empresa Nacional - Casa da Moeda, v. 2. p. 11-56, 1984.
- COSTA, L. S. Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: **Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê**. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Uma descrição Gramatical da Língua Xikrin do Catete** (Família Jê, Tronco Maro-jê). Tese de Doutorado-Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2015.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: mar. 2020
- GOELDI, Emílio Bol. Museu. Para. Cienc. Hum. Belém. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/>>. Acesso em: abr. 2019

GOMES, Ana Quadros. Línguas Indígenas Brasileiras: O novo campo de provas dos universais linguísticos. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 15, n. 1, p. 149-165, 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) (Org). **De olho nas Terras Indígenas**. Disponível em: Acesso em: abr. 2020.

JEFFERSON, Kathleen. Semantic Clause Analysis in Focus for Learning Kayapó, **Associação Internacional de Linguística**, Anápolis, GO, 2009 (1974). Disponível em:

<[https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/97/79/169779642128044893970973538392795695462/txu\\_Gramatica.pdf](https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/97/79/169779642128044893970973538392795695462/txu_Gramatica.pdf)>. Acesso em: jul. 2020

\_\_\_\_\_. Semantic Clause Analysis in Focus for Learning Kayapó. Arquivo Lingüístico 061. Brasília: SIL, 1974.

\_\_\_\_\_. **Gramática Pedagógica Kayapó**. Arquivo Lingüístico 186. Brasília: SIL, 1989.

KANTHACK, Gessilene Silveira. **Letras Vernáculas**: sintaxe da língua portuguesa – EAD – UESC, [módulo 4, volume 2] / Elaboração de conteúdo: Ilhéus, BA: EDITUS, 2011, 187 p.: il.

LEA, Vanessa. Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis: **Os Mebêngôkre (Kayapo) do Brasil Central**/ Vanessa R. Lea-São Paulo: editora da Iniversidade de São Paulo, 2012. 496p.:27 cm.

MELO, Ivanilce Gonçalves, **O campo lexical da cerimônia do bêp: proposta de um dicionário bilíngue Mebêngôkre-português**, Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2018.

MENDONÇA JUNIOR, Clédson. A codificação de tempo e aspecto em Mebêngôkre (Kayapó): contribuição aos estudos linguísticos sobre as línguas Jê. Unifesspa, São Félix do Xingu – PA, 2018.

\_\_\_\_\_. Aspecto Lexical na Língua Mebêngôkre (Kayapó): **estudo com indígenas em trânsito pela cidade de São Félix do Xingu - PA**. 2021. 97 f. Dissertação - Museu Nacional (Proflind), UFRJ, 2021.

\_\_\_\_\_. (In) definitude na língua Mebêngôkre (Kayapó): um estudo com falantes sob a perspectiva da Semântica Formal. SEPLA, UFRJ, 2022.

MENEZES, Claudiane da Silva. **Puru mex: língua e etnobotânica na escola indígena Mebêngôkre** / Claudiane da Silva Menezes. -- Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

MENEZES, Dilcilene da Silva. **As Classes Lexicais e Funcionais da Língua Mebêngôkre** / Dilcilene da Silva Menezes. -- Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

MITHUN, Mariane. **The language of native North America**. Cambridge University Press, 1999.

PAYNE, Thomas E. **Describing Morphosyntax: A Guide for Field Linguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006.

PIRES, Marcos Eroni. Sobre o Sistema de Posposições em Línguas Indígenas Brasileiras: **Um Estudo Tipológico**, 2010. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces, no 40, p. 223-237, 2010. Disponível em:

<<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/40/artigo11.pdf>>.

Acesso em: 07 ago. 2020.

POSEY, D. A. **Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó)**. In: RIBEIRO, D. (Coord.). *suma etnológica brasileira: Etnobiologia*. 3. ed. Belém: Editora da UFPA, 1997 [1986]. p. 199-213.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja, 2012. **Análise de Livros Didáticos do Povo Mebêngôkre**. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-graduação em Letras, Belém.

REIS SILVA, Maria Amélia. **Pronomes, Ordem e Ergatividade em Mebêngôkre**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas. SP.: IEL\_UNICAMP, 2001.

RIVET, P. Langues del' Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Org.) **Les Langues du Monde**. Paris, 1924. p. 639-712. Disponível em: file:///C:/Users/profe/Downloads/23392-111156-1-SM%20(1).pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

RODRIGUES, A. D. Línguas Brasileiras. **Para o conhecimento das línguas Indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RODRIGUES, AryonDall'Igna. A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras. **ComCiência: revista Eletrônica de Jornalismo Científico, SBPC, Linguagem: cultura e transformação**, n. 23, agosto de 2001. (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.). Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/linguas-indigenas-semelhancas->diferencas-tronco-linguistico-tupi-macroje.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2020

SALANOVA, Andrés Pablo. **A Nasalidade em Mebêngôkre e Apinayé: O limite do Vozeamento Soante**. Dissertação de Mestrado em linguística. Campinas. SP.: IEL-UNICAMP, 2001.

SCALISE, Sergio. **Generative Morphology**. Dordrecht: Foris, 1984.

SEKI, Lucy. A Linguística Indígena no Brasil. DELTA: **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. v.15, p.257-290, 1999. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S0102-44501999000300011&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SOUSA, Cássio Noronha Inglez de. **Aprendendo a viver juntos reflexões sobre a experiência escolar kayapó-Gorotire**. In. Siilva, Aracy Lopes da. Ferreira, Mariana Kawall leal (org) Antropologia, História e Educação. São Paulo: Global, 2001, p. 238-330

SOUZA e SILVA, M. C. P. de; KOCH, I. V. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. São Paulo: Cortez, 1995.

STOUT, Mickey; THOMSON, Ruth. Modalidade em Kayapó, **Série Lingüística**, n. 3, p. 69-97, 1974. Disponível em:  
<[https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/97/79/169779642128044893970973538392795695462/txu\\_Gramatica.pdf](https://www.sil.org/system/files/reapdata/16/97/79/169779642128044893970973538392795695462/txu_Gramatica.pdf)>. Acesso em: 07 ago. 2020.

VERSWIJVER, Gustaaf. 1978. The club-fighters of the Amazon: **warfare among the Kayapo Indians of Central Brazil**. Gent: Rijksuniversiteit Gent. 378 pp. (Publicação da tese de doutorado do autor, de 1985: Considerations on Mekrãgnotíwarfare. Faculteit van Rechtsgeleerdh.

VERSWIJVER, Gustaaf. A história dos índios Kayapó. **Revista da Atualidade Indígena**, Brasília, 1978.

VIDAL, L. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991.

VIEIRA, Marcia Maria Damaso. The expression of quantificational notions in Asurini do Trocara: **evidence against the universality of determiner quantification**. Quantification in natural languages, 701-720. 1995 kluwer academic publishers.

\_\_\_\_\_. **Quantificadores adverbiais em Assuriní do Trocará, Tupinambá e Guarani Mbyá (família tupi-guarani)**. Linguística, línguas indígenas e temas de análise sob uma ótica formal. Disponível em:  
<<http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2021.v17n1a54084>>. Acesso em: 10 out. 2022.

## ANEXO A – Termo de autorização para coleta de dados

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS**

Eu, \_\_\_\_\_,  
falante da língua nativa Mebêngôkre, autorizo Vicente Carvalho de Sousa, estudante do **Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLIND)**, a utilizar em sua dissertação de mestrado os dados por mim fornecidos nesta pesquisa científica através deste experimento.

São Félix do Xingu-PA, Aldeia Kôkraxmôr, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do colaborador Mebêngôkre

## ANEXO B - Imagens

Imagem 1 - Turma da Escola Indígena Capitão Bepnox – Aldeia Kôkraxmôr



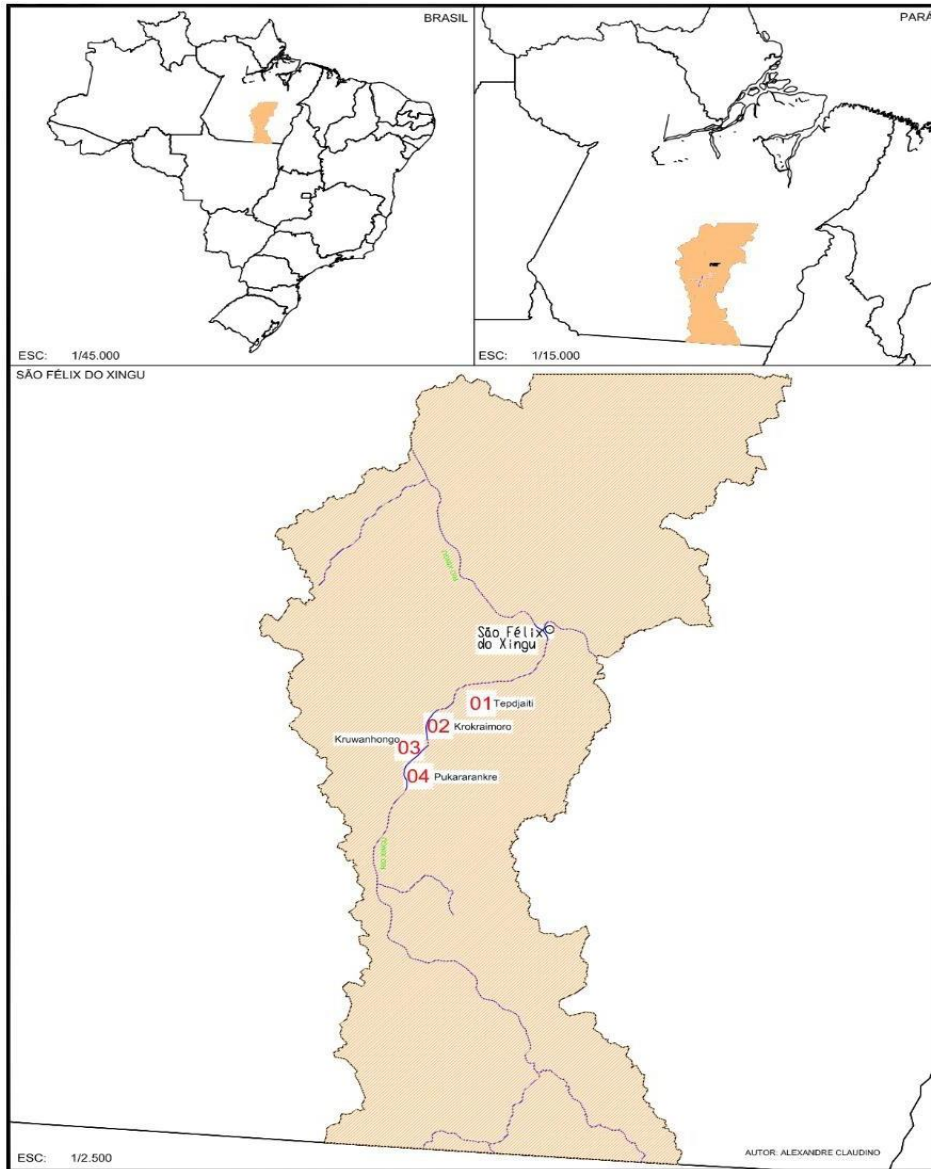
Fonte: Acervo pessoal (2017).

Imagem 2 - Escola Capitão Bepnox à esquerda e Aldeia Kôkraxmôr logo a frente



Fonte: Menezes (2018).

Imagem 3 - Localização de aldeias no Rio Xingu. Destaque para a aldeia Kôkraxmôr, número 02 no mapa



Fonte: Alexandre Claudino (2021).

## ANEXO C – Questionário Vieira (2021)

## Questionário Vieira (2021):

## Número

1. Casa /casas
2. Flor/flores
3. Gato/gatos
4. Menino/meninos.
5. Estrela/estrelas.

## Gênero

6. Menino/menina
7. Galo/Galinha.
8. Gato/gata

## Grau

9. Gato/gatinho
10. Casa/casinha
11. Flor/florzinha
12. Estrela/estrelinha
13. Casa/casarão
14. Menino/meninão
15. Gato/gatão

## Posse alienável

16. Nossa faca
17. Minha canoa.
18. A comida dele

## Posse inalienável

19. Sua mãe.
20. Nossa rede.
21. Minha cabeça

Os determinantes:

Os artigos definidos e indefinidos (Mostrar como a língua expressa a diferença entre substantivos definidos e indefinidos):

22. Eu quero a faca / Eu quero uma faca .
23. Eu quero as facas/ Eu quero umas facas.
24. A criança caiu no chão/ Uma criança caiu no chão.
25. As crianças caíram no chão/ Umas crianças caíram no chão.
26. A estrela/ uma estrela.
27. As estrelas/ umas estrelas.

Os demonstrativos (ver se há diferença na língua entre os demonstrativos em relação à proximidade com o falante e ouvinte)

28. aquela cesta/ esta cesta/ essa cesta.
29. aquele peixe/ este peixe/esse peixe.
30. aquelas cestas/ estas cestas/ essas cestas.
31. aqueles peixes/ estes peixe/esses peixe.
32. Aquela mulher / Esta mulher / Essa mulher.
33. Aqueles velhos / Estes velhos / Esses velhos.

Os quantificadores:

(i) Todos/todas

34. Todos os índios / Os índios todos
35. Todas as crianças/ As crianças todas.
36. Todos aqueles peixes / Aqueles peixes todos.
37. Todas aquelas mulheres / Aquelas mulheres todas.

(ii) Algum/alguma/ alguns/algumas

38. Alguma coisa.
39. alguma pessoa.
40. Algumas cobras.
41. algum dinheiro.
42. Alguns amigos.

(iii) Outro(s)/Outra(s)

43. Um outro menino/ Uns outros meninos.
44. O outro menino/ Os outros meninos.
45. Aquele outro menino.
46. Aqueles outros meninos.

Muitos / muitas / muito / muita (ver se há diferença entre substantivos contáveis e não contáveis).

- 47. Muitas cestas.
- 48. Muitos peixes.
- 49. Muito dinheiro.
- 50. Muita farinha.
- 51. Muita água.

(iv) Nenhum/nenhuma

- 52. Nenhum kayapó.
- 53. Nenhuma professora.
- 54. Nenhuma água.

Os modificadores:

(i) Os adjetivos

- 55. Uma casa grande.
- 56. Aquela menina alta.
- 57. Todas as crianças pequenas.
- 58. O outro homem gordo.
- 59. Nenhuma banana madura.

(ii) Os Sintagmas SPs

- 60. A menina de colar vermelho.
- 61. Aquele macaco de rabo curto.
- 62. Um cachorro de orelhas grandes.
- 63. A professora de óculos.

(iii) Adjetivos e/ou SPs

- 64. Uma professora alta de óculos.
- 65. Um velho gordo de cocar.
- 66. Aqueles meus filhos altos.
- 67. Todas as suas facas grandes.

Os nomes deverbais / Nominalização (como são formados os nomes derivados de verbos. Há algum morfema específico? Ver o artigo do Salanova.)

- 68. Construir-> construção-> construtor.
- 69. Doar -> doação-> doador

- 70. Cantar-> canção-> cantor
- 71. Dançar-> dança-> dançarino
- 72. Matar-> matança -> matador

O estatuto categorial dos determinantes: demonstrativos e quantificadores.

(Aqui, após análise dos dados coletados, discutiremos se há determinantes na língua)

Existem diferenças de posição entre as palavras que expressam diferenças noções de quantificação, como se nota nos exemplos a seguir. “Pouco” em (iii) é um adjetivo:

- (i) Menire **kuni** ‘Todas as mulheres’
- (ii) **Me?** ã my ‘Alguns homens’
- (iii) Me **ngrire** ‘Pouca gente’

Como fica a diferença entre os dados abaixo?

- 73. Cobras são perigosas.
- 74. As cobras são perigosas.
- 75. Aquelas cobras são perigosas.
- 76. Algumas cobras são perigosas.
- 77. Um cobras são perigosas.
- 78. Todas as cobras são perigosas.
- 79. Todas aquelas cobras são perigosas.
- 80. Nenhuma cobra é perigosa,
- 81. Muitas cobras são perigosas.
- 82. Outras cobras são perigosas.
- 83. Muitas outras cobras são perigosas.

Como se diz?

- 84. Um
- 85. Um barco.
- 86. Dois barcos.
- 87. Três barcos.
- 88. Quatro barcos.
- 89. Cinco barcos.

Como se diz?

- 90. Aqueles três barcos.
- 91. Todos aqueles três barcos.

92. Todos os dois barcos.
93. Todos aqueles seus dois barcos.
94. Os meus dois filhos.
95. Os meus dois filhos pequenos de cabelos curtos.
96. Uma criancinha forte.
97. Esta casinha branca.
98. Aquela faquinha prateada do meu pai.
99. Aquela minha redinha rasgada.
100. Aquela rede rasgada da minha mãe.